

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Camila Rizzato de Souza Farias

A compreensão da comunicação entre pais e filhos na fase adolescente do  
ciclo vital da família na contemporaneidade

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Camila Rizzato de Souza Farias

A compreensão da comunicação entre pais e filhos na fase adolescente do  
ciclo vital da família na contemporaneidade

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada a Banca  
Examinadora da Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo, como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre em  
Psicologia Clínica, sob orientação da Profa.  
Dra. Ida Kublikowski.

São Paulo

2024

## FICHA CATALOGRAFICA

Farias, Camila Rizzato de Souza

A compreensão da comunicação entre pais e filhos na fase  
adolescente do ciclo vital da família na contemporaneidade.  
/ Camila Rizzato de Souza Farias -- São Paulo: [s.n.], 2024.  
64p. il. ; 21 x 29,7 cm.

Orientadora: Ida Kublikowski

Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo, Programa de  
Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, 2024.

1. Comunicação. 2. Famílias. 3. Filhos adolescentes.

I. Kublikowski, Ida

II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,  
Programa de Estudos Pós - Graduados em Psicologia Clínica.

III. Título.

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

---

*“A realidade é, como sempre, complexa. Todavia, uma olhada no Panorama Família e Sociedade do último meio século pode nos fornecer alguns elementos sobre os quais refletir para termos uma resposta” (Maurizio Andolfi)*

*Para todos aqueles que vivem o dia a dia da família adolescente contemporânea.*

*Para meu filho, José Torrente Diogo de Farias Neto, que me incentivou e me ensinou a vencer alguns dos meus maiores medos, que eram a minha ausência e a saudade que este projeto poderia trazer, me mostrando que a vida está alicerçada no amor e que estudar é a porta de entrada para a presença que compensa e para a liberdade. Obrigada, filho, você detém a luz que traz clareza para meus passos no amor e na entrega em tudo que faço.*

*Para minha mãe, Sirlei Rizzato de Souza Farias, que tem tanto orgulho em dizer dos passos que tenho dado e que na sua simplicidade, tem gestos que reforçam o privilégio de ser sua filha. Obrigada mãe, por ser parte de todo este processo imensurável da possibilidade de aprender.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Uma etapa é finalizada e após esse longo período os aprendizados florescem, se fortalecem e dão novos galhos que se intensificarão ao longo do caminho.

Não foi fácil chegar até esse tão esperado final, foram muitas conquistas, medos, cansaço, perdas, alegrias, viagens longas e geladas, café com leite e muitas conversas comigo mesma. Tudo acontecendo ao mesmo tempo, acrescentando doses de emoção e perseverança.

Um caminho tortuoso e complexo, porém, trouxe-me uma nova versão de mim mesma.

A cada um dos que participaram durante toda a construção desse trabalho tenho o que agradecer, pois cada um tem sua contribuição, um sentimento e um capítulo escrito em minha jornada.

A minha rede de apoio formada pela minha família atual e extensa, meus eternos e mais importantes pontos de ajuda e tranquilidade, meu marido, minha mãe, meus tios e sogros. Obrigada talvez seja pouco!

A minha querida Profa. Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo, com quem tive o prazer de estar a maior parte do tempo nesses momentos. Foi uma honra ser sua orientanda e aluna. Obrigada por confiar no meu desenvolvimento, no meu trabalho, por me incentivar a ajudar tantas famílias, por ser tão acolhedora e querida. Obrigada por me ajudar a enxergar o mundo com a seu rigor e olhar doce. Sua falta trouxe dias cinzas, porém me inspiravam a trilhar o caminho que havíamos escolhido e chegarei lá!

A minha querida e atual orientadora, Profa. Dra. Ida Kublikowski, que me acolheu e empurrou quando o tempo era meu inimigo, quando o trilhar precisou mudar a direção e as reflexões antes construídas do processo de finalização deste trabalho que me pareciam ricas, tornaram-se complexas e espremidas. Obrigada pelos apontamentos, pelo cuidado, pelas construções e ensinamentos. Com certeza a levarei para a vida.

À toda equipe da Escola Estadual Donato Marcelo Balbo por abraçar meu projeto e trabalharem comigo para que pudéssemos trazer as famílias. Obrigada a

diretora e vice-diretora pela delicadeza, competência e acolhimento, sem vocês e essa valiosa ajuda isso tudo jamais teria acontecido.

Aos membros da minha Banca: Prof. Dr. Diogo Arnaldo Correa e Profa. Dra. Teresinha E. C. Rocha de Macedo. Sou muito grata por terem aceitado o convite, por partilharem seus saberes comigo e serem extremamente generosos nos apontamentos e reflexões.

A todas as mães, pais e filhos(as) que se dispuseram a dividir suas histórias e experiências comigo. Foi um trabalho imensamente rico, prazeroso e de um crescimento ímpar.

A todos os meus clientes aos quais me debruço diariamente com preocupação, competência, prazer e cuidado.

À minha maior inspiração para trabalhar por um mundo melhor: meu filho. Obrigada por ser como você é.

Muito, muito obrigada!

FARIAS, Camila Rizzato de Souza. *A compreensão da comunicação entre pais e filhos na fase adolescente do ciclo vital da família na contemporaneidade*. 2024. 68p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Ida Kublikowski

## RESUMO

Encontrar novas formas de dialogar e criar novos significados para histórias pessoais, assume vital importância na clínica psicológica de abordagem sistêmica. No entanto, a revisão da literatura evidencia a necessidade de mais investigações que possam promover uma comunicação mais eficiente e clara entre pais e filhos adolescentes, o que imprime relevância a presente pesquisa. Temos então por objetivo geral compreender como se dá a comunicação entre pais e filhos na fase adolescente do ciclo vital da família e por objetivos específicos, de uma perspectiva relacional, avaliar como os adolescentes percebem os processos de comunicação com os pais na família e como os pais percebem os processos de comunicação com os adolescentes na família. Para atingir os objetivos propostos foi desenhada uma pesquisa qualitativa, que será conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas, com quatro casais e seus filhos adolescentes. A análise se iniciará com o uso do software IRAMUTEQ, que oferece uma organização dos dados e permitirá o desenvolvimento de análise temática, que envolve desenvolver e interpretar padrões de significado (temas) a partir de dados qualitativos. Os resultados evidenciaram que pais e filhos podem desenvolver novos conhecimentos sobre si mesmos, numa abordagem que necessita informação e escuta.

Palavras-chave: Comunicação. Famílias. Filhos adolescentes.

FARIAS, Camila Rizzato de Souza. *Understanding communication between parents and children in the adolescent phase of the family life cycle in contemporary times*. 2024. 68p. Dissertation (Master's in Clinical Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2024.

Advisor: Profa. Dra. Ida Kublikowski

## **ABSTRACT**

Finding new ways of dialoging and creating new meanings for personal stories assumes vital importance in psychological clinics with a systemic approach. However, the literature review highlights to the need for further investigations that can promote more efficient and clear communication between parents and adolescent children, which makes this research relevant. Our general objective is to understand how communication between parents and children takes place in the adolescent phase of the family's life cycle and for specific objectives, from a relational perspective, to evaluate how adolescents perceive communication processes with their parents in the family and how parents perceive communication processes with teenagers in the family. To achieve the proposed objectives, a qualitative research was designed, which will be conducted through semi-structured interviews, with four couples and their teenage children. The analysis will begin with the use of the IRAMUTEQ software, which offers data organization and will allow the development of thematic analysis, which involves developing and interpreting patterns of meaning (themes) from qualitative data. The results showed that parents and children can develop new knowledge about themselves, in an approach that requires information and listening.

Keywords: Communication. Family. Teenage children.

## SUMARIO

|                                                                                                               |           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                       | <b>12</b> |
| <b>CAPÍTULO 1 – FAMÍLIA E PENSAMENTO SISTÊMICO .....</b>                                                      | <b>20</b> |
| 1.1 A Terapia com Famílias: questões epistemológicas .....                                                    | 21        |
| 1.2 As Fases do Ciclo Vital .....                                                                             | 23        |
| 1.2.1 A fase adolescente .....                                                                                | 25        |
| <b>CAPÍTULO 2 – Princípios da comunicação e sua relação com Pensamento Sistêmico Novo Paradigmático .....</b> | <b>27</b> |
| 2.1 A comunicação na fase na fase adolescente do ciclo vital .....                                            | 33        |
| <b>CAPÍTULO 3 - MÉTODO .....</b>                                                                              | <b>36</b> |
| 3.1 Participantes e Recrutamento .....                                                                        | 37        |
| 3.2 Procedimento .....                                                                                        | 38        |
| 3.3 Análise das informações .....                                                                             | 39        |
| 3.4 Análise dos dados .....                                                                                   | 40        |
| 3.5 Discussão dos resultados.....                                                                             | 51        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                             | <b>54</b> |
| <b>APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) .....</b>                                   | <b>62</b> |
| <b>APÊNDICE 2 – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE) ...</b>                                      | <b>64</b> |
| <b>APÊNDICE 3 - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PAIS .....</b>                                                     | <b>66</b> |
| <b>APÊNDICE 4 - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA FILHOS .....</b>                                                   | <b>67</b> |

## INTRODUÇÃO

Ao apreciarmos o cenário mundial contemporâneo nas últimas décadas, a cultura, a globalização, a configuração e organização das famílias atuais, percebemos uma transformação pois as famílias se viram obrigadas a se reinventarem diante da complexidade e da instabilidade que alicerça a hipermodernidade.

Os profissionais atuantes na área têm explorado as inúmeras abordagens psicológicas e técnicas que contemplam diferentes visões e estratégias para o melhor entendimento sobre estes vários fenômenos, compreendendo que na atualidade, os parâmetros e paradigmas tradicionais que guiavam suas ações, assumem novas forças em decorrência do fenômeno da globalização. Nesse contexto, a presente pesquisa buscará analisar como pais e filhos compreendem a comunicação na fase adolescente do ciclo vital familiar.

Ao longo da minha trajetória profissional tive a oportunidade de estar com indivíduos em diversas fases do ciclo vital. Logo no início do meu trabalho me deparei com atendimento de adolescentes cujo as demandas e necessidades se tornavam cada vez mais complexas.

Em decorrência disso, percebi que a dificuldade do acesso às informações trocadas entre pais e filhos, dentro deste momento do ciclo vital, traduziam um fenômeno que me permitiria tornar cada vez mais plausível contribuir com este estudo. Pude também observar quanto as famílias têm experimentado e vivenciado conflitos, no que se refere a preocupação parental em adotar práticas educacionais capazes de influenciar de forma positiva suas vidas e de seus filhos.

Como apontam Costa *et al.* (2018) a introdução das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC no seio das famílias, desencadeou impasses e desafios na relação parento-filial, que pode se ver fragilizada.

Não queremos com isso dizer que as dificuldades de comunicação entre pais e filhos na fase adolescente emergem com as TIC, mas podemos supor que nesse contexto tais dificuldades se tornaram mais visíveis e talvez amplificadas, ao exigirem dos pais estratégias de controle para mediar as atividades online de seus filhos, incluindo restrição e supervisão do uso e discussões acerca dos riscos presentes no mundo digital. No entanto, abordar a realidade do outro lado da moeda, nos faz reconhecer que a promoção de práticas educativas proativas de

supervisão do uso de TICs pode trazer, além dos negativos, impactos positivos para o desenvolvimento sadio do adolescente (Wendt; Silva; Koller, 2020, Neumann; Missel, 2019).

Castro (2021, p. 10), em pesquisa no contexto português com pré-adolescentes, discute as respostas dos jovens sobre uma abordagem de mediação parental mais intrusiva, e afirma que os participantes defendem que os pais devem se preocupar com o que elas fazem on-line, mas também deixam claro que os pais devem respeitar seus direitos digitais à privacidade e à participação. “As respostas dos pais às possíveis ameaças digitais são construídas a partir de preocupações já ultrapassadas, que não atendem mais às vivências das crianças ou ao crescente cenário tecnológico”. A autora conclui que:

Ambos os grupos se beneficiariam de poder aprender em conjunto. Os adultos poderiam ganhar maior destreza tecnológica com as crianças e essas, beneficiar-se da sabedoria dos adultos a fim de ganhar competências para a segurança e o pensamento crítico, quais sejam: perceber a diferença entre as esferas pública e privada da vida pessoal; lidar com desafios que se colocam à sua segurança digital; e gerir relações interpessoais que facilmente atravessam do on-line para o offline (e vice-versa), prejudicando uma participação on-line saudável (Castro, 2021, p. 10).

Profundas mudanças sociais, econômicas e políticas nas últimas décadas alteraram o cenário da vida familiar (Walsh, 2016). No entanto, antes o foco era mais voltado para o indivíduo que para a família, não sendo comum que problemas fossem relacionados à dinâmica familiar: tratava-se o paciente identificado e praticava-se o afastamento da família. Tanto em hospitais psiquiátricos e até mesmos nos consultórios, o afastamento da família era visto como necessário ao tratamento. (Nichols; Schwartz, 2007). Hoje acreditamos que o avanço substantivo e pautado na formação sistêmica incluiu outros olhares que vêm somar no atendimento às famílias e comunidades e que serão úteis para contextualizar o presente trabalho.

Nas palavras de Macedo (1994), “a Psicologia procura definir a família diferenciando-a de outros grupos sociais, pelo fato de que os indivíduos que a compõem estarem ligados por fatores de fortes laços de afeição e lealdade” (p.63).

Definir família na sociedade contemporânea tem sido um exercício complexo e desafiador em diferentes áreas. Nesse sentido, pode-se destacar que as famílias tomaram formas cada vez mais variadas no curso da vida, de modo que a definição

de “família” precisa ser expandida para abranger um amplo espectro e a remodelação fluida dos padrões relacionais e domésticos.

Dados do Censo 2022 demonstram que a composição das famílias brasileiras, especialmente nas últimas três décadas, vem passando por várias alterações e, embora tais alterações ocorram de forma diferenciada nas diversas regiões do país, algumas ocorrem de forma mais ou menos similar, como a redução da natalidade e o aumento da longevidade das pessoas. As estatísticas refletem, tal como Censo 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que a taxa de crescimento anual da população entre 2010 e o ano passado ficou em 0,52%. Trata-se da menor taxa desde o primeiro Censo do Brasil, em 1872. (IBGE, 2022)

Constatamos mudanças significativas na evolução histórica da família e nos modelos que se caracterizaram como: família feudal, família burguesa e família nuclear. (Prá, 2013 p.10). Sendo assim, as mudanças nos contextos sociais e nas configurações e organização familiar apresentam-nos novas e diversas formas de ser “família”. Em tempos anteriores, a família cumpria uma gama de funções econômicas, educacionais, sociais e religiosas interligada à comunidade mais ampla. As relações eram valorizadas por uma variedade de contribuições à unidade familiar coletiva. Com a chegada da era industrial, surgiu a família nuclear, que teve seu auge na década de 1950.

Hoje, uma remodelação da vida familiar contemporânea abrange culturas e estruturas familiares múltiplas que precisam atender às demandas emergentes de uma sociedade dinâmica e um ambiente global em evolução (Walsh, 2016). Como reflexo desse fenômeno, pode-se chegar a pensar no estabelecimento de novos paradigmas explicativos nas relações humanas e na forma como se dá a comunicação entre as pessoas, incluindo pais e filhos.

Ainda nesse sentido, somos impelidos a absorver novos modelos relacionais intermediados por dispositivos eletrônicos e eventualmente sem contato físico algum. Para Cacciacarro (2024) todas essas mudanças e nossa relação mais próximas com a tecnologia, também impactam a maneira como nos relacionamos com nós mesmos.

Creio que é impossível procurar entender a adolescência fora deste contexto social no qual está inserida tendo em vista todas estas transformações ocorrendo nas últimas décadas. Minha experiência clínica no atendimento de crianças,

adolescentes, famílias e casais me possibilitou observar grandes dificuldades dos pais diante de problemas que envolvam a comunicação, gerando uma crise familiar relacionada à educação e orientação aos filhos principalmente na fase adolescente do ciclo vital.

Neste cenário global, a comunicação se coloca para nós como um dos grandes desafios, conforme anteriormente exposto, visto que o diálogo é uma das maiores dificuldades encontradas entre as pessoas, inclui-se aqui, as famílias e os casais.

Segundo Cervený e Berthoult (1999), a chegada de um filho representa, um período de profundas mudanças, já que o casal passa por uma reestruturação que envolve a revisão e renegociação de padrões e valores, juntamente com a experimentação e aquisição de novos papéis, os quais sugerem o início de novas responsabilidades e tarefas.

A fase Adolescente caracteriza-se pela profunda transformações de todos os membros da família, visto que, segundo Cervený (1999) neste momento do ciclo vital, crises evolutivas geram uma forte necessidade de mudanças e adaptações familiares.

Dessas negociações espera-se que resulte uma redefinição de fronteiras entre os subsistemas, dando espaço para que os filhos, na adolescência possam expressar suas opiniões, o que pensam sobre determinadas ordens e regras estabelecidas pelos pais, podendo também questionar valores, de modo que todos possam expressar suas diferenças de ponto de vista (Programa Ação Família: Viver em comunidade, 2008).

Dentre os preceitos trabalhados por Carter e McGoldrick (2001) em relação ao ciclo vital, destaca-se a ideia de que a família apresenta um processo central a ser negociado com relação à expansão, contração e realinhamento do sistema de relacionamentos. A fase adolescente assinala uma nova definição dos filhos dentro da família e dos papéis dos pais em relação a seus filhos, que podem resultar em disfunção familiar e no desenvolvimento de sintomas no adolescente ou em outros membros da família.

Isso posto, podemos afirmar que a adolescência constitui uma etapa decisiva no processo de desprendimento da família. Essa fase, descrita pelo senso comum como marcada pela rebeldia, impulsividade e irresponsabilidade, trata-se, na

verdade, de um período de transição e de “crescer para” a vida. Implica diferentes tarefas que devem ser realizadas para chegar à idade adulta.

As transições familiares são interligadas, e apresentam modificações que exigem dos pais constante equilíbrio entre estabilidade e flexibilidade (Cerveny; Berthoud, 2004).

Na prática clínica é comum recebermos adolescentes cujas famílias queixam-se de dificuldades em acessá-los, em conversar e conhecer o seu universo, o que sugere um movimento típico desta fase que é o distanciamento das figuras paternas e a consequente identificação com grupo de amigos.

Além disso, para Fonseca:

Na adolescência se inicia um percurso em que a separação das figuras parentais é um acontecimento essencial para a construção da identidade. No entanto, a necessidade de autonomia que caracteriza a adolescência pode ser geradora de conflitos familiares, indo necessariamente desencadear mudanças no interior da família, com alteração de regras e descoberta, de parte a parte, de novas formas de comunicação. As dificuldades de comunicação estão na base de muitos dos conflitos que surgem tipicamente neste período. (Fonseca, 2004, p.5.).

Por existir uma série de situações que estão relacionadas a este processo, destaca-se a importância de informações e transformações no que se refere à comunicação que se estabelece entre pais e filhos.

De acordo com MCGoldrick e Shibusawa (2016), as famílias são compostas por aqueles que possuem uma história e futuro compartilhados e abrangem todo o sistema emocional de três a cinco gerações, unidas por laços de sangue, legais e/ou históricos. Tais laços representam as fases e etapas pelas quais as famílias passam no decorrer do tempo. O funcionamento e dinâmica destas famílias dependerão de como seus membros se relacionam, como estabelecem e mantêm vínculos, como lidam com problemas e conflitos, que tipos de rituais cultivam, quais regras serão estabelecidas e que papéis serão assumidos por estes membros.

*Um conjunto de regras padronizadas e previsíveis, transmitidas por meio de histórias, familiares e transações constantes, regula os processos familiares e cria expectativas sobre os papéis, ações e consequências.* (Walsh, 2016, p. 7).

Ainda segundo Walsh (2016) os fatores culturais e o contexto histórico no qual as famílias estão vivendo interferem profundamente no movimento das mesmas durante o ciclo vital, além dos sistemas de crenças familiares que são valores compartilhados que orientam a vida familiar.

A visão de mundo dos membros, incluindo suas atitudes em relação às transições do ciclo vital, está influenciada pela época em que cresceram, sendo que, os padrões de funcionamento, bem como a constituição genética, são transmitidos de geração para geração (MCGoldrick; Shibusawa, 2016).

A família compartilha do processo de construção da realidade que se faz nas interações, trocas, vivências de rotina ao longo do seu ciclo de vida e de muitas gerações. As autoras concordam ainda que:

Gênero, classe, cultura, raça, orientação sexual e espiritualidade estruturam o desenvolvimento de nossas crenças, valores, relacionamentos e formas de expressarmos emoções. Esse contexto transporta cada criança desde o nascimento e infância, passando pela idade adulta até a morte e define seu legado para a próxima geração (Mcgoldrick; Shibusawa, 2016, p. 381).

Rosset (2008) enfatiza que, ao perceber a família como um sistema circular, o terapeuta enxerga que cada membro tem sua participação e responsabilidade, trata-se de um sistema de influências recíprocas onde todos se influenciam reciprocamente, independentes da idade que tenham. Portanto, é importante compreender os problemas e demandas apresentados como inerentes a um “ciclo” e, como o próprio nome sugere, remete a ideia de mudança, passagem de processos que se iniciam e se findam.

Embora a família seja menosprezada por alguns e enaltecida por outros, ela é tida como mediadora das relações entre seus membros e a coletividade. O indivíduo torna-se sujeito na conjuntura da família e insere-se em sua diversidade de forma e arranjos. A família compartilha do processo de construção da realidade que se faz na vivência de rotinas, interações e trocas sociais ao longo do seu ciclo de vida e de muitas gerações (Marra, 2020).

Nem sempre as famílias representam um âmbito de proteção ou cumprem a expectativa social de proteger seus membros, ou é tida como mediadora das relações entre seus pais e filhos. Muitas vezes, os pais se surpreendem com as atitudes dos filhos. Ressalta Osorio (2009) que os adolescentes ficam mais instáveis, irritados e questionadores, atitudes essas que para os próprios adolescentes podem representar uma forma de diferenciação das figuras parentais e busca de sua própria identidade.

Assim, habilidades comunicacionais de ambas as partes passam a ser extremamente importantes para que ocorram conversas bem-sucedidas entre pais e

filhos. É desejável que a família tenha informações sobre as características específicas dessa fase para que possa operar transformações, quando necessárias. Concordamos com Aires et. al (2023) quando afirmam a importância da comunicação entre pais e filhos adolescentes enquanto um processo gradual em constante construção, que se inicia na infância e se prolonga durante toda a vida do indivíduo. A adolescência é apenas uma fase do desenvolvimento humano, com algumas características que questionam e colocam em xeque o modelo de comunicação familiar, que mediada atualmente pelas TIC se expõem em dificuldades, benefícios e riscos e podem ser indicativas de como as interações familiares ocorrem.

De forma geral, as respostas dos adolescentes na pesquisa realizada por Piccini *et al.* (2020) indicam que a comunicação que estabelecem com suas famílias é boa, contrariando a visão que associa a adolescência a problemas e conflitos familiares. No entanto, apesar da boa comunicação familiar, a conduta contestatória do jovem seria inerente ao processo de construção de sua própria identidade, o que pede por flexibilidade das fronteiras, sem que seja comprometida a autoridade dos pais. Cabe à família manter a capacidade de proporcionar um ambiente de segurança, equilíbrio e limites a seus filhos. (Piccini; Costa; Cenci, 2020).

Quando os pais permitem que seus filhos tenham espaço para a sua individualização e a tomada de atitudes, eles estão facilitando o estabelecimento de uma boa comunicação e auxiliando estes adolescentes a tornarem-se adultos autônomos. Nesse sentido, a autoras supõem que os adolescentes atribuem importância para as estratégias de comunicação que utilizam a fim de facilitar o relacionamento entre os membros e preservar a boa convivência familiar (Wagner *et al.*, 2005).

Diante do exposto, encontrar novas formas de dialogar e criar significados para histórias pessoais, assume vital importância na clínica psicológica de abordagem sistêmica. No entanto, a revisão da literatura evidenciou a necessidade de mais investigações que possam compreender como tem se dado a comunicação entre pais e filhos adolescentes na atualidade, o que imprime relevância à presente pesquisa.

Temos então por objetivo geral compreender como se dá a comunicação entre pais e filhos na fase adolescente do ciclo vital da família atual. Para tanto o capítulo 1 abordará reflexões epistemológicas da família como sistema e a terapia

de família. O capítulo 2 abordará o processo comunicacional entre pais e filhos de uma perspectiva sistêmica, seguido do método, análise dos resultados e considerações finais.

## **CAPÍTULO 1 – FAMÍLIA E PENSAMENTO SISTÊMICO**

Para a utilização do pensamento sistêmico na Psicologia foi necessário o rompimento de crenças que possibilitaram a evolução do pensamento sobre o homem. Consiste em um enfoque sistêmico da família, comunidades, sociedades, do universo.

Tal enfoque nasceu de mudanças fundamentais ocorridas no paradigma científico das ciências, inclusive nas ciências humanas e sociais que estudam os mais diversos aspectos da vida dos seres humanos, tanto individual quanto social e coletiva.

O pensamento sistêmico insere-se um novo paradigma que surgiu a partir dos anos 50 em vista de estudos da Física, da Cibernética, da Teoria da Comunicação, entre outras.

Apontado por Papero, Frost, Havstad e Noone (2018), o pensamento sistêmico procura compreender com as partes de uma rede interação para criar o todo e como esse todo regula as partes que o compõem.

É impossível isolar fenômenos do universo para conhecê-los, pois os fenômenos não são simples somas de partes, mas um conjunto de inter-relação. O que nos permite pensar que conhecer uma parte não permite conhecer o sistema.

Considera-se que sistema complexo é aquele constituído de um número muito grande de unidades, com uma enorme quantidade de interações. Nesse sentido, ao invés de ter como objeto de estudo o indivíduo, trabalha-se sempre com o objeto em contexto. Para alcançar essa contextualização do objeto ou problema devemos ampliar o foco, o que nos leva a ver sistemas amplos e as relações entre todos os elementos envolvidos.

O paradigma sistêmico tem sido a abordagem de maior desenvolvimento teórico e prático nas últimas décadas, e hoje encontramos uma vasta literatura sobre as abordagens sistêmicas de intervenção psicoterápica. (Berthoud e Coelho, 2011).

Assim, a família entendida como sistema significa que seus membros além de serem indivíduos com características próprias biológicas, psicológicas e sociais, são também parte de um todo maior, no qual a história pessoal de cada um contribui para a criação de uma história comum (a história daquela família).

Definida a família como um sistema, para entendê-la, não basta analisar cada indivíduo que a compõe. A família só pode ser compreendida quando se

compreendem os padrões e estruturas que sustentam este sistema singular, e um dos importantes padrões de sustentação é o conjunto de regras construídas na e pela família. (Berthoud, 2011)

O funcionamento e dinâmica das famílias dependerão de como seus membros se relacionam, como estabelecem e mantêm vínculos, como lidam com problemas e conflitos, que tipos de rituais cultivam, quais regras serão estabelecidas e que papéis.

Cumprе ressaltar que pais e filhos podem desenvolver novos conhecimentos sobre si mesmos, numa abordagem de cuidado e proteção. Segundo Marra (2020, p.109)

[...] passar a entender que um fato não tem uma verdade única. A expansão da visão na esfera relacional aumenta a presença dos pais na vida dos filhos e, conseqüentemente, o potencial protetivo das famílias. Pela ampliação de uma consciência crítica, por meio de ação-reflexão, a família confirma a construção de práticas dialogadas, o respeito pelas diferenças e a valorização de maneiras de convivência solidária.

O exercício de comunicar-se predispõe um relacionamento, e para tanto, esta reflexão se faz necessária, visto que a relação acontece por meio dos dois.

As famílias podem encontrar novas formas de expandir a visão do indivíduo e tudo aquilo com que o sujeito interage, o que inclui a necessidade de os pais e os filhos atentarem para a importância de reconhecer também as histórias como um processo significativo. Para Harlene Andersen (2010), a capacidade transformacional da conversação apoia-se na natureza dialógica e em sua capacidade de relacionar os fatos da vida a significados novos e diferentes.

### **1.1 A Terapia com Famílias: questões epistemológicas**

Ao contrário de muitas outras abordagens da Psicologia, que tem início ligado a algum teórico específico. Ela foi desenvolvida por um grupo heterogêneo de pesquisadores, que trabalhavam em contextos bem distintos, e com propósitos diferentes.

Nichols e Schwartz (2007) definem as etapas de desenvolvimento da terapia familiar dizendo que ela nasceu na década de 1950, cresceu nos anos 1960 e ficou adulta na década de 1970. Portanto, a terapia familiar recebeu definições e

nomenclaturas mais específicas, como sistêmica, estratégica, estrutural, browniana e experiencial somente a partir da década de 1970.

Ainda conforme os autores supracitados, os terapeutas familiares acreditavam que as forças dominantes da vida estavam localizadas externamente, na vida familiar. Todavia percebe-se que foi decisiva a alteração do pensamento dos profissionais quanto ao papel da família no tratamento, surgindo, então, uma terapia que tomou como base a mudança na organização da família para resolução dos problemas trazidos. Essa linha de terapia compreende que, mesmo quando suas atividades focavam a mudança de somente uma pessoa de uma família, todo o sistema familiar seria afetado por ela e sofreria mudanças também.

Portanto, a partir da premissa de que "*o todo é sempre maior que a soma das partes*", preceito da Teoria Geral dos Sistemas, o modelo sistêmico passou a propor, por exemplo, que para tentar compreender o comportamento de uma criança, era necessário solicitar que ela viesse para a entrevista junto com os demais membros da família nuclear e, algumas vezes, até a família ampliada (pais e avós), eram convidados (Nichols; Schwartz, 2007).

A datar deste momento, a abordagem sistêmica passa a propor a busca por respostas na interação do indivíduo com sua família. Torna-se principal tarefa do terapeuta propiciar o despertar de seus pacientes para a importância dessas interações familiares. Sob a perspectiva sistêmica, a família é vista como o lugar onde as interações e os relacionamentos acontecem de forma repetitiva e em movimentos circulares. Tal sistema é passível de mudanças e elas podem acontecer a partir da mudança de um de seus indivíduos, pois quando um muda, todos tendem a mudar; o sistema muda. (Pardal, 2002).

Essa efervescência científica fez com que se formassem várias escolas terapêuticas, inclusive em vários países. Cada uma desenvolveu um olhar específico sobre o sistema familiar. Por exemplo, os terapeutas da comunicação construíram seus constructos investigando a comunicação familiar. A escola estratégica focou nas relações de poder entre os membros da família. Os estruturalistas estudaram as regras familiares e os subsistemas, como o conjugal e filial, por exemplo. A Terapia Familiar de Bowen buscou nas relações entre as gerações a resposta dos problemas familiares. (Otto e Ribeiro, 2022, p.55).

O principal conceito da Terapia Familiar Sistêmica surgiu da contribuição de muitos autores e das mais diversas áreas do saber. Como exemplo, pode-se citar

Salvador Minuchin (1990) médico psiquiatra que, com sua visão da família como um sistema vivo, colocou o sistema familiar e delimitou-o em seus subsistemas. Demonstrou assim, como sua estrutura impelia resistência à mudança e tendia a buscar constantemente a homeostase, ou seja, a estabilidade do sistema que serão assumidos por estes membros.

## **1.2 As Fases do Ciclo Vital**

A família é uma instituição social, que sofre modificações ao longo do tempo, sendo que, historicamente se observam várias formas de relações familiares (Prado, 1981; Narvaz; Koller, 2006). Podemos afirmar, ainda, que a família se constitui por relações expressas diferentemente de acordo com o tempo, o lugar e os papéis que cada um desempenha. Dessa forma, uma das perspectivas utilizadas na investigação dos aspectos familiares pode ser a teoria do “Ciclo Vital Familiar”, representada nos Estados Unidos por pesquisadores como Carter e McGoldrick e, no Brasil, por Cervený e Berthoud (Carter; MCGoldrick, 1995; Cervený; Berthoud, 1997; 2002). Acreditamos que qualquer entendimento, pesquisa e intervenção sobre e com famílias tem que levar em consideração as etapas do Ciclo Vital pela qual ela está passando. Cervený (2002) traz uma caracterização de quatro etapas, não rigidamente circunscritas, que são:

1ª Fase: de aquisição;

2ª Fase: Adolescente;

3ª Fase: Madura;

4ª Fase: Última.

Compreendemos a família como um sistema complexo, que se move através do tempo, levando consigo toda uma história, a ideia de união implica a fusão de dois sistemas familiares inteiros, ou seja, os valores, costumes e tradições dos grupos de origem dos parceiros serão redefinidos para a construção de um novo (Ronchi; Avelar, 2011).

Carter e McGoldrick (1995) observaram que a ansiedade presente nas famílias produz estresse, que avança através dos tempos. Essas autoras consideram dois eixos de fatores estressores no sistema familiar: um eixo horizontal, que inclui ansiedades produzidas na família conforme ela avança no tempo, ou seja, tanto os fatores previsíveis quanto os imprevisíveis (mortes súbitas, acidentais,

doenças crônicas e ou degenerativas); e o eixo vertical, que são os padrões de funcionamento e vínculos afetivos transmitidos para as gerações seguintes.

A convergência entre os estresses gerados nos eixos vertical e horizontal muitas vezes prediz como a família lidará com as passagens de ciclo no decorrer da vida. As famílias lidam com o estresse de diferentes formas: ou se imobilizam pelos sentimentos imediatos, ou seguem adiante juntando forças ou ainda passam pela situação, mas se fixam num momento futuro pelo qual temem ou anseiam.

Segundo Cervený e Berthoud (1997), em todas as fases do ciclo vital, as pessoas que fazem parte da família estão em processo de aquisição, no entanto a primeira fase do ciclo vital familiar recebe esse nome porque a aquisição é a característica mais central e específica. Assim, os objetivos dessa fase estão em encontrar o lugar para morar, o emprego que proporcione condições de sobrevivência, os acessórios domésticos que facilitam a vida, o carro, o seguro saúde, muitas vezes até a complementação educacional. Os filhos pequenos também fazem parte dessa primeira fase, em que se inicia a aquisição de um modelo familiar próprio, com as pessoas selecionadas, entre os modelos adquiridos em suas famílias de origem, aqueles que vão adotar em seu casamento. Dessa forma, essa fase trata da formação de um novo sistema, que tem como marco o casamento, após a fase de aquisição temos a fase adolescente que será descrita na próxima seção.

A fase madura ocorre logo após a fase adolescente, esta tem pais entre os quarenta e sessenta anos e que estão em período de pré-aposentadoria, ocasião em que os filhos estão saindo de casa, seja para morarem sozinhos ou se casarem. Nesta fase o casal encontra-se novamente sem a presença dos filhos e pode se deparar com vários problemas que estavam latentes nas fases anteriores. É comum que separações e novos relacionamentos ocorram.

A fase última é constituída por pessoas acima de 60, 65 anos, as quais precisam se adaptar às mudanças. Um dos principais desafios do envelhecimento são as perdas: mudança nos vínculos com o trabalho (aposentadoria, perda de cônjuge, muitas vezes de filhos e netos mais jovens), transformação da capacidade e vigor físico, destaca-se o isolamento da rede de apoio aos idosos.

Os níveis de estresse geralmente aumentam na transição dos ciclos individual e familiar. A não percepção da fase ou do cuidado nessa passagem pode, assim, acompanhar dificuldades e problemas no interior da família. Assim, uma visão de

Ciclo Vital implica em olhar para a família considerando as transformações que vão ocorrendo ao longo do tempo, as quais têm a ver com as mudanças que também vão acontecendo na vida individual das pessoas, quanto na família como um grupo.

### **1.2.1 A fase adolescente**

A Fase Adolescente é definida pela entrada dos filhos no ciclo de vida da adolescência. É um período que afeta sobremaneira a família, que se torna também um pouco adolescente no sentido das mudanças que estão ocorrendo, preocupação com a própria aparência, com a juventude, com as realizações. Se os adolescentes questionam valores e regras familiares, preocupam-se com o futuro, os pais estão na fase do questionamento profissional, revendo posições, fazendo reformulações e também pensando no futuro.

Fonseca (2004) aponta que numa família com adolescentes é possível verificar uma mudança na relação entre pais e filhos, há um aumento da flexibilidade das fronteiras familiares, assim como um novo foco na vivência do casal. Essa fase habitualmente é marcada por uma exigência profissional para os pais. Podemos observar também um deslocamento progressivo das preocupações da família para as gerações mais velhas e, na fase final, assiste-se a uma preparação para a saída dos filhos que começam a ingressar na faculdade, nos namoros, no trabalho, dando origem à chamada síndrome do ninho vazio.

A autora aponta ainda que atualmente a tendência é de que esta saída se dê mais tarde, comparativamente ao que acontecia na geração dos pais. Por outro lado, com o emergir das novas formas de família, o seu conceito transformou-se em algo bem mais abrangente, obrigando a um reenquadramento social.

Assim como os jovens, a família toda tende a “adolescer”. Isso acontece porque o adulto, convivendo com a juventude tão próxima, acaba por reviver a própria adolescência. É uma época de mudanças e divórcios ocorrem nesta fase de “virada” da vida. O ciclo vital da família com filhos adolescentes marca um período bastante diferente de outras etapas (Cervený, 2002). Ainda segundo a autora, geralmente os adultos que se encontram nessa fase estão na faixa dos 40 ou 50 de idade e pode-se dizer que é um período transitório tanto para os filhos como para os familiares, momento de redefinir regras de conduta e de convivência.

O adolescente possui a história familiar em seu interior; o grupo de pares é um laboratório de conhecimento e de experimentação fundamental para o adolescente (Andolfi, 2019).

Para McGoldrink (2006), a fase adolescente assinala uma nova definição dos filhos dentro da família e dos papéis dos pais em relação a seus filhos. Existem alguns problemas universais associados a essa transição, que podem resultar em disfunção familiar e no desenvolvimento de sintomas no adolescente ou em outros membros da família.

Segundo Castanho e Dias (2014), os adolescentes se tornam filósofos amadores e juízes morais de valores e costumes sociais, muitas vezes agem como embaixadores entre o lar e a comunidade, trazendo novas ideias e atitudes que servem como catalisadores para a mudança de outros membros da família. Sua propensão a questionar e desafiar normas e padrões tende a desencadear transformações em sua casa.

O jovem, ao fazer a passagem da infância para a vida adulta, sai de um estado de intensa dependência para adquirir autonomia pessoal. Nesse processo há muitos conflitos entre a família e o jovem. A luta para obter uma autoimagem separada, clara e positiva também pode trazer confusão e imobilização para o adolescente e sua família.

Novas experiências do mundo podem submetê-los à ansiedade, desapontamento, rejeição e fracasso. Assim como com roupas e estilos de cabelo, os papéis podem ser experimentados, apreciados brevemente ou então descartados ou adotados, numa tentativa de fixar um senso de “Eu” (Castanho; Dias, 2014). Embora alguns desses papéis sejam consistentes com os valores familiares, eles frequentemente desafiam, agredem os costumes da família.

O jovem busca liberdade, independência, mas também precisa de proteção, orientação e limite; a família entende-se como uma facilitadora desse processo, dessa transição, mas, muitas vezes, enfrenta dificuldade ao conduzir as situações e parte para extremos: ou age com rigidez intensa, causando desconforto ao jovem, ou com permissividade extrema, deixando de orientá-lo nesse momento que mais precisa de auxílio.

Vemos os adolescentes muitas vezes discordando dos pais em relação a ideias, crenças e valores (enquanto tentam estabelecer a autoidentidade). Com isso,

com o medo do conflito, o adolescente pode evitar fazer perguntas ou compartilhar ideias.

Outro fator que pode interferir nessa fase são os conflitos pessoais entre adultos. Pois alguns deles, ao perceber a idade que têm, podem começar a questionar sua existência, seus planos futuros, a brevidade da vida, os arrependimentos, e também, a necessidade de garantir uma boa aposentadoria.

A proximidade da saída dos filhos de casa pode ser um elemento a mais nessa equação. Muitas famílias passam a se questionar sobre a educação oferecida aos filhos, sobre os recursos financeiros para contribuir com a emancipação deles e sobre a chegada dos agregados.

Muitas famílias, nessa fase, podem enfrentar uma inversão de papéis, quando os filhos (pais adolescentes) se veem no papel de responsáveis pelos cuidados de seus pais (avós do adolescente), com o possível adoecimento dos avós e cuidado com estes.

Partindo da premissa de que o adolescente está em busca da sua autoafirmação e de que, geralmente, a família encontra dificuldade em estabelecer uma nova maneira de se relacionar com eles, inclusive mantendo o padrão de intervenções adotadas anteriormente quando esse jovem ainda era criança, a crise se instala.

Sendo assim, considerando os aspectos inerentes à adolescência, a família precisa compreender que, nessa fase, o diálogo mais próximo, a escuta empática, a negociação são atitudes que podem contribuir para que essa mudança seja acomodada com mais tranquilidade no sistema familiar.

## **2. Princípios da comunicação e sua relação com Pensamento Sistêmico Novo Paradigmático**

O Pensamento Sistêmico Novo-Paradigmático como recorte teórico se faz adequado para esse trabalho, ao permitir elucidar a compreensão das transformações ocorridas na fase adolescente no Ciclo Vital das famílias para orientação e estabelecimento de estratégias adequadas para comunicação familiar nessa fase.

A comunicação foi o primeiro fenômeno estudado nos primórdios da construção teórico-metodológica do campo das Terapias Familiares. Gregory

Bateson foi um dos pioneiros na investigação da comunicação patológica em famílias com membros psicóticos.

Magalhães (2027) (apud Bateson, Jackson, Haley, & Weakland, 1956), chamava-lhe atenção, neste contexto familiar específico, as sequências de situações ambivalentes, caóticas e ambíguas que favoreciam a desestruturação relacional e a patologia.

Desde esta perspectiva, adequados níveis de comunicação familiar são descritos como elemento de diminuição dos problemas comportamentais.

Esse entendimento, entretanto, não resolve por si só a complexidade na comunicação porque é de esperar que dentro de um sistema familiar coexistam uma diversidade de opiniões, ideias e diferenças na conotação das mensagens, visto que a comunicação tem a ver com o contexto da relação, o tempo e o lugar em que ocorre.

É no seio da família que se iniciam os primeiros contatos e as relações pessoais, sendo que o modelo de comunicar se sustenta na comunicação verbal, simbólica (retrato da personalidade) ou não verbal (gestos, silêncio, sorriso, olhar, aparência física, mímica, entre outros (Dias, 2011).

As famílias devem estar alertas aos padrões de interação social que passam a existir entre os pais e os jovens em tempos atuais. Maldonado (2008) afirma que para manter um bom relacionamento e uma comunicação eficaz entre pais e filhos deve-se considerar a complexidade da vida atual, principalmente nos grandes centros urbanos, já que as maneiras tradicionais de criar filhos são questionadas, e são oferecidas diversas informações pelos meios de comunicação e por especialistas que não facilitam o entendimento dos pais, pois as informações não são claras o suficiente e muitas vezes contraditórias.

Para Oliveira *et al.* (2014) o processo de interação pais e filhos, a constituição de uma boa relação se dá por meio da comunicação que definirá e informará o funcionamento e os papéis na família.

Este fenômeno gera uma sofisticação das relações entre pais e filhos naquilo que se refere às tarefas desenvolvimentais da adolescência. Na família cada membro deveria ter a preocupação de ouvir a perspectiva do emissor e não do ponto de vista de si próprio como receptor, o que permitiria diminuir atritos e ruídos de comunicação e fomentaria certamente comunicações mais eficientes e saudáveis. São muitas vezes as comunicações, ou a falta delas, que conduzem as relações

piores, conduzindo até mesmo a conflitos derivados de incompreensão e que afetam de modo significativo uma interação positiva entre marido e mulher e destes com os filhos (Ferrari, 2002).

Considerando o aspecto pragmático da comunicação, todo comportamento, não só a fala, é comunicação; e toda comunicação afeta o comportamento (Watzlawick, 1967).

Comunicar é uma palavra derivada do termo latino “comunicare”, que significa “partilhar”, participar algo, tornar em comum (Dias, 2015).

Para melhor compreender a complexidade dos princípios da comunicação, os estudos de Watzlawick, Beavin e Jackson (1967) serão utilizados, em seu livro “Pragmática da Comunicação Humana” (1967). Eles afirmam que:

[...] todo o comportamento, não só a fala, é comunicação e toda comunicação num contexto interpessoal afeta o comportamento, ressalta que não existe um não-comportamento, ou seja, uma pessoa não pode não se comunicar. A atividade ou inatividade, palavras ou silêncio, tudo possui um valor de mensagem; influenciam outros e estes outros, por sua vez, não podem não responder a essas comunicações, portanto, também estão comunicando, a mera ausência de falar ou de observar não constitui exceção. Tampouco, não podemos dizer que a “comunicação” só acontece quando é intencional, consciente ou bem-sucedida, isto é, quando ocorre uma compreensão mútua.

Desta forma, é possível compreender que o processo de se comunicar é condição necessária para a socialização e o desenvolvimento dos seres humanos tendo suas repercussões no contexto individual e familiar. Toda comunicação implica em comprometimento, um compromisso e, por conseguinte, define a relação. Transmite informação, mas ao mesmo tempo impõe um comportamento, desta maneira, a essência da comunicação reside nos processos relacionais e inter-relacionais.

Diante da necessidade de se estudar os efeitos comportamentais dos processos de comunicação, a pragmática da comunicação aponta em seu estudo os efeitos pragmáticos da comunicação humana sobre o comportamento. Watzlawick (outros autores) define cinco axiomas básicos necessários ao funcionamento do processo de comunicação. Ressalta ainda, que se um destes axiomas, por alguma razão, não funcionar, a comunicação pode falhar.

Os axiomas são proposições básicas a partir das quais deverá ser fundamentada uma pragmática da comunicação humana e os efeitos comportamentais dos processos de comunicação.

1º Axioma: é impossível não se comunicar. Comunicamos o desejo de não comunicar, mas não deixamos de comunicar.

Todo o comportamento é uma forma de comunicação. Como não existe forma contrária ao comportamento (“não-comportamento” ou “anticomportamento”), também não existe “não-comunicação”. Então, é impossível não se comunicar.

Numa interação todo o comportamento tem valor de mensagem – é a comunicação. Qualquer comportamento de uma pessoa afeta sempre de qualquer modo o comportamento das pessoas à sua volta; há comunicação mesmo quando esta não é intencional, consciente ou bem-sucedida (compreensão mútua).

Há diferentes tipos de mensagens/comportamentos – verbal, não verbal, tonal, postural, contextual, dentro outros.

2º Axioma: toda a comunicação tem um aspecto de conteúdo (o que é dito) e um aspecto de relação (como é dito). Isto significa que toda a comunicação tem, além do significado das palavras, mais informações. Essas informações são a forma do comunicador dar a entender a relação que tem com o receptor da informação.

Toda comunicação inclui, para além do significado das palavras, mais informações sobre o modo como quem comunica quer ser entendido e como ele vê a sua relação com o receptor da informação. O conteúdo está relacionado com “o que é dito”, o conteúdo “como é dito”. Negligenciar qualquer um destes níveis no planejamento da comunicação de uma mensagem pode ser desastroso.

3º Axioma: a natureza de uma relação depende da pontuação das sequências comunicacionais entre os comunicantes. Tanto o emissor, como o receptor, estrutura essa comunicação de forma diferente e assim a natureza de uma relação está dependente da pontuação das sequências comunicacionais entre os comunicantes; interpretam o seu próprio comportamento durante a comunicação dependendo da reação do outro.

O desacordo na forma de pontuar uma sequência de fatos está na origem de muitos conflitos sobre a relação. Por exemplo: conflitos conjugais (o marido adota um comportamento de retração e passividade como resposta às críticas da mulher que, por sua vez, afirma criticar a sua passividade), conflitos internacionais (corrida aos armamentos), entre outros.

Cada parceiro define-se como autor (estímulo) ou reator (resposta) de forma consistente com a sua definição da relação.

4º Axioma: os seres humanos comunicam de forma digital e analógica. Para além das próprias palavras, e do que é dito (comunicação digital), a forma como é dito (a linguagem corporal, a gestão dos silêncios, as onomatopeias) também desempenham uma enorme importância – comunicação analógica;

5º Axioma: as trocas comunicacionais são simétricas ou complementares, se baseiem na igualdade ou na diferença. A comunicação simétrica define uma relação baseada na igualdade, os parceiros têm a mesma posição e fazem a mesma coisa (comportamento em espelho), por exemplo: professor/professor; aluno/ aluno.

A comunicação complementar é baseada na diferença, os parceiros têm posições complementares (*one up* ou *one down*), tais como a relação professor/aluno; médico/doente.

Entretanto, os axiomas são somente proposições, a sua definição não é muito rigorosa, são somente um ponto de partida e não um ponto de chegada, são heterogêneos e provêm da observação de fenômenos de comunicação em registros muito variados.

Na adolescência se inicia um percurso em que a separação das figuras parentais é um acontecimento essencial para a construção da identidade. Concordamos com Rezende, 2022, quando destaca que na adolescência, há exigência crescente de autonomia, de apropriação subjetiva, de afirmação identitária, de efetivação de escolhas. No entanto, a necessidade de autonomia que caracteriza a adolescência pode ser geradora de conflitos familiares, indo necessariamente desencadear mudanças no interior da família, com alteração de regras e descoberta e de novas formas de comunicação. As dificuldades de comunicação estão na base de muitos dos conflitos que surgem tipicamente neste período.

Outros autores como Ríos-González (1994); Cervený e Berthoud (1997) também se dedicaram a compreender e caracterizar a comunicação e suas implicações no sistema familiar. Ríos-González (1994) caracterizou três diferentes formas de comunicação: a comunicação aberta, a superficial ou fechada.

Nas famílias onde os membros podem manifestar seus sentimentos e questionamentos sem sentirem-se ameaçados, demonstra-se a existência de uma comunicação aberta, profunda, responsável e afetiva. De acordo com essa

concepção, quanto menor for o nível de desacordo entre pais e adolescentes, melhor se dará o desenvolvimento das relações familiares (Wagner, 2005).

Nas famílias com fronteiras rígidas a dificuldade de comunicação entre pais e filhos costuma ser mais frequente, pois os jovens acabam por não confiar em seus pais, que se mostram incapazes de perceber as mudanças de seus filhos adolescentes. Assim, esses pais buscam constantemente provas da responsabilidade do filho, mas não conseguem dialogar abertamente e orientá-los quanto às dúvidas que surgem nesta fase do desenvolvimento (Cervený; Berthoud, 1997).

A comunicação fechada caracteriza-se por excesso de autoridade, ordens e ameaças por parte dos pais, não havendo espaço para os filhos manifestarem seus sentimentos e dúvidas.

Nas famílias onde a comunicação é superficial ou fechada, os membros se relacionam superficialmente e conversam apenas sobre assuntos que fazem parte do cotidiano da família, num caráter convencional (Ríos-González, 1994).

Nesse sentido, Cervený e Berthoud (1997) apontam que devido a novas demandas que ocorrem no relacionamento familiar na fase adolescente, faz-se necessário que haja um aumento na flexibilidade das fronteiras e equilíbrio na autoridade dos pais, no intento de manter a harmonia familiar. Famílias com fronteiras mais flexíveis permitem que o adolescente possa transitar e experimentar-se livremente em diferentes territórios, aproximando-se quando se sente inseguro e afastando-se para experienciar sua independência, o que facilitaria um estilo de comunicação aberta na família.

As famílias contemporâneas passaram a agregar à internet em seu dia a dia, tendo que lidar não somente com todas as facilidades trazidas por esse recurso, mas também com inseguranças, dúvidas, e dificuldades causadas a partir de tal inserção na sua vida diária (Wagner *et al.*, 2005).

Pode-se pensar então que se por um lado, a expansão tecnológica para dentro da esfera doméstica pode ter influenciado positivamente a adesão da sociedade ao uso do aparelho celular, por outro ampliou as fronteiras de comunicação até um ponto que não se sabe exatamente onde está o limite. Acabou-se ocupando um espaço com dimensões que extrapolam sua função primária que seria a de estabelecer uma comunicação interpessoal.

A comunicação entre os jovens adquiriu novas linguagens e hoje é possível selecionar o tipo de canal de comunicação de acordo com o que se quer dizer, para quem se quer dizer e em que tempo se quer dizer. Dentro dessa ótica, o telefone celular é considerado o utilitário básico para localizar alguém e ser localizado e, principalmente, representa uma comunicação direta sem interlocutores (Wagner, 2005).

## **2.1 A comunicação na fase na fase adolescente do ciclo vital**

Entender como a família se comunica é de fundamental importância para cuidar dela e ajudá-la no seu fortalecimento. A comunicação entre pais e filhos é um fator imprescindível dentro da família, recebendo ainda mais importância e responsabilidade na fase adolescente do ciclo vital na família.

Minha experiência clínica no atendimento de crianças, adolescentes, famílias e casais me possibilitou observar dificuldades dos pais diante de problemas que envolvam a comunicação, gerando uma crise familiar associada à educação e orientação de filhos.

Percebemos o quanto têm se experimentado e vivenciado conflitos, no que se refere à consequente preocupação parental em adotar práticas educacionais capazes de influenciar de forma positiva suas vidas e de seus filhos.

Para Cacciacarro (2015) compreende-se que mudaram os contextos, tanto familiares quanto sociais, todavia, a responsabilidade e a tarefa de educar, permanecem. Segundo ela, a educação e a formação das crianças e dos adolescentes faz parte da tarefa socializadora da família.

Assim, através desta perspectiva, quando nos relacionamos com nossos filhos, transmitimos informações, mas a qualidade desse relacionamento pode dar um significado diferente a essa informação.

Maldonado (2008) afirma que manter um bom relacionamento e uma comunicação eficaz entre pais e filhos deve-se considerar a complexidade da vida atual, principalmente nos grandes centros urbanos, como fatores resultantes das maneiras tradicionais de criar filhos são questionadas, e são oferecidas diversas informações pelos meios de comunicação e por especialistas que muitas vezes, não facilitam o entendimento dos pais, com informações que não são claras e muitas vezes até contraditórias.

Morgado (2014), em uma pesquisa realizada com 23 famílias na cidade de Taubaté - SP, sendo todas situadas na fase adolescente do ciclo vital, revelou que, as famílias preocupam-se com as questões referentes à comunicação entre pais e filhos. Os pais relataram que se sentem seguros quando informam os filhos sobre as dúvidas dos filhos e quando conseguem transmitir por meio do diálogo, ensinamentos passados de outras gerações e até mesmo quando encontram novas maneiras de lidar com as situações que necessitam de cuidados parentais.

Féres-Carneiro (2017), avaliou 16 famílias que buscavam atendimento no Serviço de Psicologia aplicada da Pontifícia Católica do Rio de Janeiro, nos anos de 2014 e 2015, com queixa inicial da família centrada na “falta de comunicação”. Neste sentido, a presença de brigas e a dificuldade de se relacionar sinalizaram a dificuldade de estarem na relação.

Marra (2020) em sua obra apresenta a elaboração de um método interventivo no enfrentamento das situações de violência muito interessante para a prática clínica. Sua aplicabilidade destaca a presença parental no estar com o outro, favorecendo o diálogo aberto e cooperativo como forma de ressignificar as relações entre pais e filhos com base na comunicação ativa e na presença.

Neste sentido, para Harlene Anderson e Harold Goolishian (1988), o diálogo que se estabelece entre pais e filhos abre novas narrativas, e as histórias ainda não contadas podem ser criadas mutualmente. O fato dos pais e dos filhos conseguirem narrar suas histórias pode proporcionar uma grande motivação para a busca de novos caminhos para a comunicação e possibilita aproximação entre eles.

Aires (2023) em sua pesquisa com adolescentes entre 15 e 17, ao tentar identificar alguns desafios enfrentados pelas famílias, sobretudo relacionado a comunicação entre pais e filhos, apontou para a importância da comunicação estabelecida entre pais e filhos no fortalecimento dos vínculos afetivos, enfatizando fatores que dificultam ou facilitam a comunicação, tal como a necessidade dos adolescentes de perceberem uma abertura maior dos pais para escutá-los e compreendê-los em suas demandas.

Simultaneamente, as mudanças vividas no mundo, Macedo e Rangel afirmam que:

o conjunto de acontecimentos contínuos com os avanços na ciência e na comunicação, as novas aspirações humanas e a rápida evolução social conduziram ao estilo de vida que se tem na pós-modernidade, mas dentre eles, o aspecto que mais sobressai é o notório progresso tecnológico, em

especial da internet, e o modo como afetou significativamente as pessoas e seus relacionamentos (2021, p.90).

É preciso observar e compreender se estes fatores podem também auxiliar ou não a comunicação e no relacionamento entre pais e filhos.

O que vemos é que surge uma preocupação notória com o potencial da internet e das TICs entre os adolescentes e suas famílias. Uma vez que tais recursos podem ser utilizados para efetivar espaços de comunicação entre pais e filhos, já que transcende as fronteiras do espaço físico, mas o problema que também está presente, é que tais recursos podem ser utilizados para desqualificar ou rejeitar a comunicação presencial entre eles. Além de poder ser utilizado, segundo Fernandes (2018), como recurso para humilhar, intimidar intencionalmente crianças e adolescentes no ciberespaço.

Neuman (2019) estudou quatro famílias que tivessem pelo menos um filho entre 10 e 17 anos, e que todos fizessem uso de tecnologias; elas deveriam ser próprias e um dos seus locais de uso, necessariamente, o domicílio da família. Os resultados deste estudo apontam que a influência da tecnologia nas relações parentais apresenta aspectos positivos e negativos. Os impactos negativos dizem respeito ao afastamento, e não apenas o afastamento físico, mas principalmente o afastamento afetivo, considerado por tirar o tempo, “o olho no olho” ser substituído por uma mensagem. Desta forma, modificando os padrões de convívio e de comunicação, podendo ser um motivo de conflitos dentro das famílias. Os impactos positivos dizem respeito as tecnologias estarem a serviço de aproximar pais e filhos, pelo compartilhamento de informações entre as gerações, pela facilidade de comunicar-se em qualquer lugar e hora, pela sensação de segurança e de controle por parte dos pais, o que dá a eles a impressão de estar presente mesmo quando ausente.

### 3. MÉTODO

Para atingir os objetivos propostos foi delineada uma pesquisa qualitativa, que de acordo com Denzin e Lincoln (2007)

[...] envolve uma abordagem interpretativa para o mundo, o que significa que os pesquisadores qualitativos estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem (Denzin; Lincoln, 2006, p.17).

A investigação foi conduzida por meio de entrevistas com pais e filhos adolescentes, caracterizadas como uma conversação não diretiva, com foco em temas específicos, o que não significa o uso de questões padronizadas. A conversação, como aponta Kvale (1996) é um modelo básico de interação humana, que em perguntas e respostas permite saber de experiências, sentimentos, esperanças, e do mundo no qual são vividos. Essas conversações ao assumirem a forma de entrevistas semiestruturadas, têm por propósito obter descrições do mundo vivido do entrevistado, centradas no fenômeno em pauta.

A pesquisa qualitativa visa por suas características de compreender os do processo de construção de percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos, destacados aqui pais e filhos adolescentes, se adequando à captura da diversidade do âmbito familiar. Nestas pesquisas buscamos fenômenos que ocorram em determinado tempo, contexto, local e cultura.

A pesquisa qualitativa permite estudar famílias e casais de uma forma mais global, olhar para as interações dinâmicas e contextos, em vez de atitudes ou comportamentos específicos como variáveis isoladas da experiência de famílias e casais. (Macedo, 2008, p.168).

Assim, os pesquisadores encontram uma estratégia que os ajuda na investigação de crenças, valores, atitudes, opiniões e processos de influência grupal, bem como dá suporte para a geração de hipóteses, a construção teórica e a elaboração de documentos (Gondim, 2003).

Para Martinelli (1999), o uso de métodos qualitativos oferece ao pesquisador a possibilidade de capturar nuances do fenômeno, proporcionando uma análise mais densa das complexidades inerentes às relações sociais em oposição à parcimônia e generalização dos métodos quantitativos.

Segundo Berthoud (2003) a compreensão da metodologia escolhida relaciona-se com o caminho de investigação a ser trilhado de modo individual e criativo pelo pesquisador. Desta forma, compreendemos que a pesquisa qualitativa abarca a complexidade do fenômeno por nós estudado e nossa concepção de realidade.

Neste sentido, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa e naturalística do mundo, o que significa que estuda as coisas em seu ambiente natural, buscando produzir sentido ou interpretar os fenômenos em termos dos significados atribuídos a eles por pessoas que fazem coisas juntas em lugares onde essas coisas habitualmente são feitas. O campo da pesquisa é constituído através das práticas interpretativas do pesquisador (Denzin e Lincon, 2000) (citação Guerreiro).

### **3.1 Participantes e Recrutamento**

Os participantes foram recrutados a partir de um convite com esclarecimentos sobre o objetivo e tema, aos pais através da direção da Escola Estadual Donato Marcelo Balbo, no município de Meridiano – SP.

Esta escola está localizada na área urbana da cidade, conta com 326 alunos matriculados no Ensino fundamental e Ensino Médio; atualmente com 24 professores.

Meridiano é um município no estado de São Paulo, o último Censo realizado foi em 2022 e os resultados mostram que a população atual é de 4.572 pessoas.

Participaram 4 adolescentes entre 14 e 15 anos sendo 2 do gênero feminino e 2 do masculino; 4 mães e 4 pais.

Os interessados responderam ao convite e entraram em contato com a secretária da escola, que prontamente realizava o agendamento das entrevistas.

Na tabela abaixo seguem informações sobre os participantes na fase adulta do ciclo vital, entre 39 e 55 anos sendo 04 homens e 04 mulheres. E um idoso, entre média e alta vulnerabilidade social.

| <b>Grupo etário</b>                   | <b>N</b>                                                                                                                   | <b>%</b>        |
|---------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| Jovem (menor de 25 anos)              | F1 – 1 (14 anos) – Masculino<br>F2 – 1 (14 anos) – Feminino<br>F3 – 1 (15 anos) – Feminino<br>F4 – 1 (15 anos) – Masculino | 33,33 %         |
| Jovem adulto (25 a 34 anos)           |                                                                                                                            |                 |
| Adulto jovem (35 aos 44 anos)         | F5 – 1 (39 anos) – Feminino<br>F6 – 1 (40 anos) – Feminino<br>F7 – 1 (40 anos) – Feminino<br>F8 – 1 (41 anos) – Masculino  | 33,33%          |
| Adulto de meia-idade (45 aos 54 anos) | F9 – 1 (48 anos) – Masculino<br>F10 – 1 (50 anos) – Feminino                                                               | 16,67%          |
| Adulto Maduro (55 aos 64 anos)        | F11 – 1 (55 anos) – Masculino                                                                                              | 8,33 %          |
| Idoso jovem (a partir de 65 anos)     | F12 – 1 (72 anos) – Masculino                                                                                              | 8,33 %          |
| <b>TOTAL</b>                          | <b>12</b>                                                                                                                  | <b>100,00 %</b> |

**Tabela 1 – Grupos etários**  
**Fonte: elaborada pela autora (2024)**

Por concordarem em participar da pesquisa onde estarão resguardados e enfatizados anonimatos e o sigilo da investigação, seus nomes foram substituídos por códigos F1, F2, F3, F4, entre outros.

### **3.2 Procedimento**

As entrevistas ocorreram com exposição oral e espontânea dos envolvidos, o que permite interações sobre o tema proposto, onde os conteúdos foram gravados, transcritos e arquivados por 5 anos.

O procedimento atendeu às exigências das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE) que se encontra no Apêndice 1 e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para menores entre 12 e 18 anos, no Apêndice 2. Ao concordarem em participar da pesquisa, receberam a

garantia de anonimato e sigilo em torno das suas identidades, assim como foram informados que poderiam retirar-se da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo a sua pessoa. Trata-se de pesquisa de baixo risco, que poderá trazer benefícios aos participantes pela reflexão gerada em torno da questão da comunicação com filhos adolescentes. Em caso de serem observados ou referidos incômodos ou mal-estar, a pesquisadora suspenderá a entrevista, prestará a assistência necessária e encaminhará os participantes para atenção psicológica disponível em sua cidade.

### **3.3 Análise das informações**

O software utilizado como ferramenta de análise de dados foi o “Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires” (IRAMUTEQ). Trata-se de um programa informático gratuito, que permite diferentes formas de análises textuais que viabilizam o processamento de dados e aprimoram análises, inclusive em grandes volumes de textos.

O IRAMUTEQ oferece a possibilidade de diferentes formas de análise de dados textuais, tais como a lexicografia básica (como cálculo de frequência de palavras), até análises variadas (classificação hierárquica descendente) (Camargo; Justo, 2013).

A primeira etapa consistiu na leitura do material como um todo, o que permitiu conjecturar o seu sentido mais geral. Em seguida, foi realizada uma análise via Método de Análise Hierárquica Descendente (CHD). Esta análise, segundo Justo (2013), visa obter classes que, ao mesmo tempo, apresentam vocabulário semelhante entre si, e vocabulário diferente dos segmentos das outras classes. A partir dessas análises o software organiza a análise dos dados que ilustra as relações entre as classes para que então pudéssemos separar em campos temáticos, assinaladas unidades de significado que se destacaram e deram origem a agrupamentos de frases ou parágrafos.

Então, se faz necessário desenvolver algum esquema de classificação, ou seja, diferenciar elementos para então reagrupá-los, o que implicou em identificar e nomear padrões nas informações. Vale, no entanto assinalar que, além das regularidades, o pesquisador qualitativo deve atentar para as diferenças entre os participantes, na medida em que as experiências pessoais não se nos apresentam em preto e branco, mas em nuances que acabam por expressar-se no processo de interpretação.

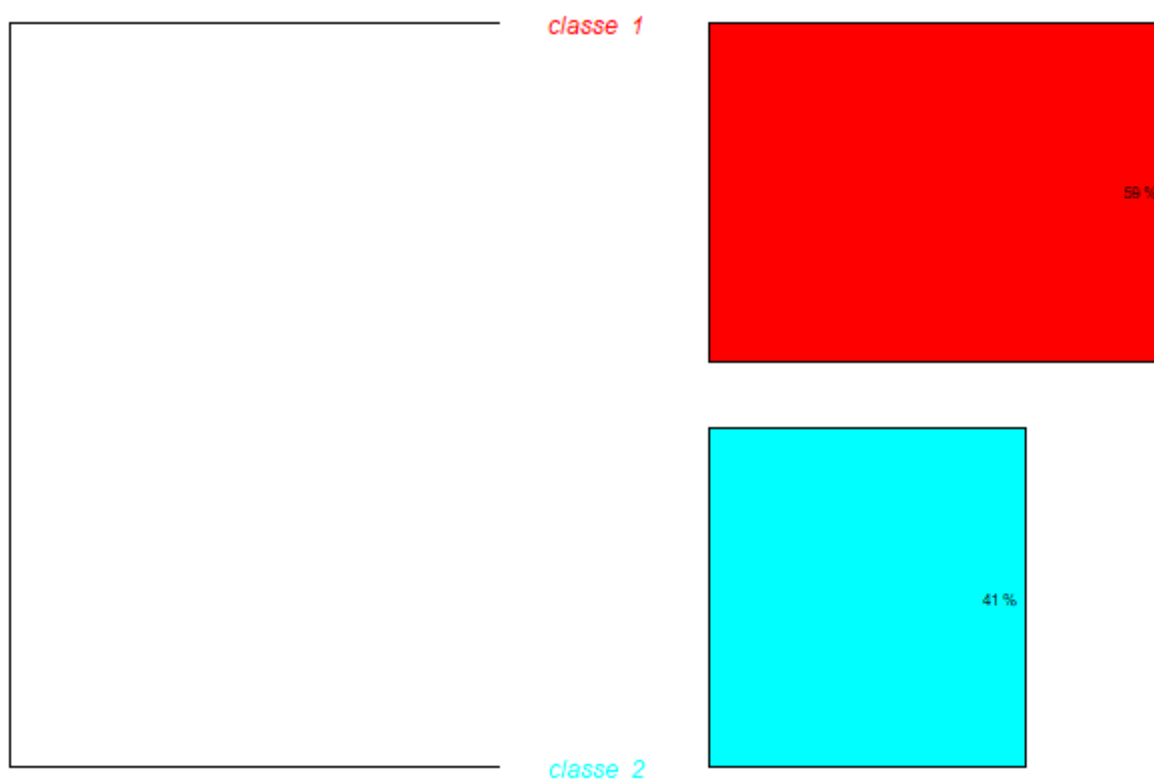
Na próxima etapa, houve uma integração de categorias em torno de uma categoria que representava um nível de abstração mais alto e fez emergir categorias de significado mais amplas. Categorizar foi então um processo que se constituiu do todo para as partes e das partes para o todo reorganizado, que produziu uma nova compreensão e permitiu ao pesquisador “ouvir” novas interpretações presentes nas informações.

#### **4 – Análise dos dados**

Os dados foram registrados e inseridos no IRaMuTeq com o objetivo de dividir o conteúdo das entrevistas em classes, criando assim grupos de temas.

Foi realizada uma análise de contagem de palavras com o objetivo de compreender a frequência de palavras, as mais usadas e compreender exatamente o que os pais e os filhos adolescentes estavam relatando (Nuvem de Palavras), como visto na Figura 2.





**Figura 2 – Análise Hierárquica Descendente**

A análise temática dos relatórios resultou em dois grandes temas/classes que emergiram durante as entrevistas.

Esta lista nos mostra os cinco segmentos típicos das classes que pontuaram mais alto em cada uma das classes.

Segmentos típicos por classe:

Classe I – 59%

|  |                                                                                                                                                                                                                                                        |
|--|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | Então se a gente vai comer um lanche, senta nós quatro na mesa: eu e a Marlene ele e a nenê. Ele pega o celular, “Mateus chega né agora aqui não”                                                                                                      |
|  | Você não acha que está muito no celular, Mateus? Você não acha que você tá muito na televisão? Você não tá muito no videogame? Ele fica muito tempo jogando essas coisinhas que ele gosta, né, aí eu tento conversar e eu percebo que ele quer chorar. |
|  | Isso, ele fica muito introvertido, assim que fala? Fica muito quietinho na dele, então ele acorda cedo ele assiste uma TV, ele                                                                                                                         |

|  |                                                                                                                                                                                                                    |
|--|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | toma um café com nós, a gente não consegue colocar pra tomar café com nós na mesa.                                                                                                                                 |
|  | Ele vem ele ajuda a enxugar, ele guarda... Nisso a gente vai trocando uma conversa. Ele gosta de videogame, eu puxo uma conversinha de videogame; as vezes ele não gosta de sair muito ele gosta de ficar em casa. |
|  | “É uma hora, Mateus, rapidinho.” Ele fica meio emburrado, mas se troca, ele não o forço briga, ele vai lá ele fica assim está acabando, fala está quase acabando né.                                               |

## Classe II – 41%

|  |                                                                                                                                                                                                                                         |
|--|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | - ah, não sempre às vezes eles saem e acabo não querendo ir mas tenho que ir junto porque é alguma coisa importante ou vai visitar algum parente longe mas sim ele me ouve bastante sempre escutam minha opinião                        |
|  | - é a confiança é a sinceridade tudo ao respeito nada de mentira bom tudo aberto não tem o que mentir porque falei filha põe na sua cabeça fico sempre batendo na mesma tecla com ela mentira tem perna curta                           |
|  | - fala como pai fala pro pai porque ela também foi criada assim então ela fala ó se você tiver com receio de falar com a mãe mesmo quando ela mudou pra cá ela falava você tem algum receio de falar alguma coisa sei lá fala com o pai |
|  | - sim só pra minha mãe aí ela conta pro meu pai                                                                                                                                                                                         |
|  | - ele desde quando eu era pequenininho eu sempre dei esse lado para ele os teus melhores amigos é o pai e a mãe tudo o que acontecer de errado claro que a mãe vai chamar tua atenção mas a mãe vai ser a primeira a te defender.       |

Nomeamos a primeira classe como: Ordens diretas que requerem ser acatadas  
- não discutidas.

*“a gente não consegue colocar pra tomar um café com nós na mesa”*

O segundo tema faz referência à: Percepção mais aberta a respostas - recriando discussões.

*“sempre escutam minha opinião”*

O momento em que nos conectamos com as narrativas dos participantes, sucessivas dos materiais transcritos e codificados, descortinaram-se novos horizontes, trazendo questionamentos sobre o que poderia trazer cada um dos conteúdos.

Destacamos primeiramente que, os entrevistados demonstraram grande apoio à importância de compreender como se dá a comunicação entre pais e filhos como estratégia decisiva no desenvolvimento das relações familiares.

*- “eu consigo entender o lado dele, mas às vezes eu fico em entender o que fazer”*

É um processo que demanda profundas transformações, principalmente no que se refere à comunicação que se estabelece na família, mas muitos pais não têm a informação sobre a adolescência como sendo uma etapa onde é necessário o desenvolvimento da independência dos seus filhos. Entende-se apenas como uma fase de rebeldia em relação às autoridades em geral e não um questionamento necessário para o desenvolvimento da sua identidade.

*-“eu acho que assim, antes de conversar, eles têm que escutar nós primeiro, pra ouvir o conselho. Para entrar na cabeça deles, o que é certo e o que é errado”.*

Macedo (2021, p. 77) ressalta que a adolescência foi ampliada não somente do ponto de vista cronológico e no transcorrer, mas também no significado devido às transformações históricas, culturais e sociais do contexto em que está inserida.

*-“a gente procura fazer certas coisas para tirar ele desse mundinho e entreter ele com outras coisas. É hora, por exemplo, hoje em dia da faxina em casa, né? Ele lava o chão do banheiro, ele não reclama, ele ajuda a lavar o chão... ajudou a M. a fazer comida. Então só que chega um momento que falta conteúdo pra gente. Vai fazer mais o que agora?”*

Tais tentativas não impediram a presença de problemas comunicacionais, como a falta de clareza e direcionalidade, neste trecho da entrevista descrito acima.

No bojo destas ideias, considerando que se comunicar é entrar em contato com o outro, deparamo-nos, então, com a pergunta do nosso desejo de saber de todos: como os pais e filhos compreendem, uns para os outros, a comunicação na contemporaneidade? Nesse sentido, Rosset (2024, pg.28) enfatiza que, para haver um padrão de relacionamento funcional é preciso ser capaz de ver e ouvir o que está fora de si como algo diferenciado de si mesmo e como diferente de quaisquer outras coisas, sem embrulhar o que se sente e pensa com que os outros sentem e pensam.

Visando a um aprofundamento, vamos nos valer de como se desenvolveu os temas nas análises dos dados.

Dos eixos temáticos principais, forma destacados dois temas de acordo com as entrevistas. Destacando a importância da presença clara dos objetivos da pesquisa apontando para êxito dentro da proposta de 85,84% dos dados totais.

### **Categoria 1- “Ordens diretas que requerem ser acatadas e não discutidas”**

Essa categoria, equivale a 59% das famílias estudadas, abrange as percepções dos pais e dos filhos sobre os aspectos comunicacionais quando há pouco espaço para dialogarem abertamente, manifestarem suas opiniões, sentimentos ou dúvidas. Porém, isso é mais percebido pelos pais do que pelos filhos, conforme os dados desta pesquisa.

*-“você não acha que está muito no celular, na televisão? Aí a gente não consegue colocar pra tomar um café na mesa”*

*-“eu tento conversar e percebo que ele quer jogar”*

*-“tento puxar uma conversinha de videogame”*

É inevitável que todo sistema familiar esteja sendo atravessado pelo processo desenvolvimental da família adolescente, dentro de um espaço, inclusive, onde a tecnologia está cada vez mais presente em nosso cotidiano. Independente do grupo etário, sendo o uso dela sendo feito de maneiras diferentes, as novas tecnologias de

informação e comunicação, têm alterado a forma com que as pessoas se comunicam, incluindo a relação entre pais e filhos.

Para Patrão (2017), os riscos passam por transportar os jovens só para a socialização digital e ali permanecerem, como não conseguem conversar, não conseguem contato visual, perderem a capacidade de serem espontâneos, de experimentarem estratégias para lidarem com conflitos e de lidarem com a frustração, bem como deixar de viver as emoções positivas que estar em contato com os outros pode trazer.

As novas tecnologias parecem reforçar a diluição das barreiras geracionais e a possibilidade de interferir nas relações parento-filiais. Embora, segundo Stengel (outros autores) (2018), esta crise que muitas vezes se instala nas relações entre pais e filhos, não exige os pais de assumirem o emprego de um espírito crítico, correto e ético como o uso pessoal também.

Tem-se, neste momento, o uso da internet como o veículo no qual o adolescente encontra para viver um contato único de proximidade, que paradoxalmente, é entendido pelos pais como um contato de distância.

*-“pode tanto ajudar quanto atrapalhar”*

*-“já vi pais que são viciados no celular ou até crianças também”*

Adolescentes do mundo contemporâneo optam por ficarem grande parte do tempo em seus aparelhos em busca de informação e entretenimento ou em comunicação virtual com os pares.

Assim nos interessa explorar, que os sinais não verbais do adolescente e os verbais dos pais são complexos e contraditórios. Ou também podem ser fortemente ambivalentes e o desejo de ter uma boa comunicação e intimidade são encobertos por narrativas (dos pais) que enredam distanciamento.

Os pais compreendem como contato de distância e traduzem para uma comunicação verbal, como inflexão da voz, sequência, ritmo e cadência das palavras a partir desta compreensão. O adolescente reflete a comunicação não verbal, como postura, gestos, expressão facial ao que foi dito e como foi dito.

A comunicação verbal e não verbal reflete a totalidade da comunicação.

*-“as vezes o tom errado, pode sair grosseiro”.*

*-“se um filho fala alguma coisa que tá acontecendo na escola, o pai já aumenta o tom de voz e deixa num tom mais agressivo ou as vezes já põe de castigo, e as vezes por uma coisa que nem foi, sabe, tão pesado”.*

*-“aí da próxima vez eu não querer falar”.*

*-“aí ele emburra...”*

Pinheiro (2019) abarca que a linguagem verbal e a linguagem não verbal, se complementam para tornar compreensível e acessível a comunicação, compreendendo assim duas formas de expressão importantes e funcionais para o processo comunicativo.

É o conjunto de trocas verbais e não verbais que se realiza entre pais e filhos, especialmente quando estão face a face, que podem produzir interferências e ruídos quando não são identificadas que toda forma de comunicação influencia o comportamento do outro. Observar, ouvir, relacionar comportamentos e postura fazem parte desta construção.

Fenômeno este em que os filhos adolescentes falam que conversam, mas apresentam-se de maneira contraditória através da comunicação não-verbal.

*-“tem que conversar com eles, falar tudo o que tá acontecendo”.*

*-“se tiver acontecendo alguma coisa ruim, cê tem que falar com eles ou se tiver acontecendo uma coisa boa, você também tem que falar com eles também. E sem ficar com medo de eles brigarem ou algo do tipo”.*

Este discurso é de um filho em que os pais relataram:

*“a gente não consegue colocar ele pra almoçar na mesa. Eu até entendo que faz parte da idade...”, “ele está muito lá, ele está distante daqui, de uma realidade que a gente precisa”.*

Com frequência a linguagem corporal do adolescente realça comportamentos que podem parecer provocadores ao invés de revelarem sua busca pela independência, proximidade e afeto.

Continuamente, Watzlawick (1967) apresenta algumas premissas básicas da comunicação humana, descrevendo que todo comportamento comunica algo. E é

importante decodificar tal comunicação, sendo assim até o silêncio tem valor de mensagem, o que implica em estar disposto a entender as atitudes das demais pessoas, incluo aqui pais e filhos.

*-“se a gente vai comer algum lanche, a gente senta na mesa e ele pega o celular”.*

*-“ele fica meio emburrado, mas se troca e fica perguntando se está acabando”.*

*-“ele não gosta de sair muito, ele gosta de ficar em casa”.*

A partir daí, compreender que as dificuldades existentes no diálogo entre pais e filhos desperta para a responsabilidade relacional, é de fundamental importância. Quando o adolescente fala, é mais importante escutar o que está além do simples conteúdo verbal.

Em nossa análise é evidente que os pais não sabem disso e não reconhecem os sinais não verbais, principalmente quando compreendem que os filhos estão desqualificando ou rejeitando algum tipo de comunicação.

Para Marra (2020) o diálogo não reside nem nos pais nem nos filhos, mas na relação de ambos, e que, tanto a ação de um quanto a ação complementar do outro estão o tempo todo coordenadas para que o significado ocorra para o bem ou não.

Andolfi (2019) enfatiza que o adolescente necessita de ambivalência para poder continuamente oscilar de uma ponta a outra do eixo pertencimento/separação em busca do justo equilíbrio. Isso significa que não devemos negar a necessidade de que os pais compreenderem esta ambivalência, para não perder a chance de encontro com o adolescente.

## **Categoria 2 “Recriando discussões”**

A classe 2, percepção mais aberta a respostas – recriando discussões, com 41%, os significados atribuídos sugerem que escutar é um fator decisivo de uma comunicação efetiva entre pais e filhos. Perceber, sentir interesse no que estão dizendo e aceitar que a forma de ver as coisas não é a única e que ambos podem enxergar pontos de vista diferentes.

*-“eles me ouvem bastante, sempre escutam minha opinião”*

Os filhos quando percebem a capacidade de fazer trocas constantes e colaborativas, legitimam mais a comunicação e a presença dos pais como cuidadores e figuras de autoridade, além de respeitarem mais as histórias pessoais destes pais. A hierarquia não fica tão invertida quanto ao compararmos com as famílias com dificuldades de comunicação.

Andolfi (2019) reflete sobre este tipo de afirmação quando diz que o conceito de separação e autonomia parecem óbvios para pais e filhos, o de pertencimento, tal fundamental quanto o outro, é mais escondido e implícito, e difícil de ser compreendido por famílias, educadores e terapeutas. Assim sendo, os filhos compreendem que um diálogo que contemplem a possibilidade de serem ouvidos e que possibilite trocas, é possível reconhecer este sentimento (pertencimento) mais “visível” no interior da família, ou seja, é sentido pelos filhos.

*-“tudo que acontecer de errado claro que a mãe vai chamar sua atenção mas a mãe vai ser a primeira a te defender”.*

*-“os teus melhores amigos é o pai e a mãe”.*

Duque (2023) completa que por meio de conversas, de lembranças e do resgate de memórias é possível visualizar a vida da família, que é única e deve ser compreendida e respeitada.

*-“sempre batendo na tecla com ela mentira tem perna curta”.*

Em nossa prática clínica é costumeiro recebermos indivíduos ou famílias com diversas crenças, mitos e estigmas sociais associados a estas construções sociais que impactam diretamente, favorecendo ou não a relação consigo mesmo e com os pares. Vimos que os pais podem buscar encontrar em suas histórias geracionais caminhos para que a escuta aconteça.

*-“fala pro pai, ó se você tiver receio de falar com a mãe”. “Porque ela também foi criada assim”.*

As narrativas intergeracionais, nesse sentido, podem colaborar ou não para a comunicação entre pais e filhos, mas quando pais tem a percepção de que podem

produzir respostas mais abertas para com os filhos, estas narrativas torna a comunicação parental mais empática.

*-“seja por pior que for seja a situação, pode contar comigo”.*

Além da importância do que é transmitido em suas histórias geracionais, em nosso recorte da pesquisa há uma reorganização na relação parental sobre a escolha do filho de com quem ele vai falar. A questão de gênero em algumas das nossas famílias assumem uma posição importante, os pais pensam que os filhos devem falar mais com a mãe, mas os filhos nem sempre trazem isso com algo conclusivo.

É preciso também observar que as dimensões familiares que dizem respeito aos papéis e funções do homem e da mulher inseridos em novas configurações familiares, são resultantes da atual forma da sociedade influenciar no desenvolvimento das crianças e dos adolescentes. E que, certamente pode sim, ser um elemento fundamental na relação entre pais e filhos para um diálogo possível.

*-“quantas vezes que eu converso primeiro com o meu pai e depois eu converso com a minha mãe”, “é que ele é mais compreensivo do que minha mãe”.*

*-“eu conto para os dois. Sempre contei para os dois”.*

Ao contrário de realizarmos esse comentário como um ponto de chegada, deixamos aqui possibilidades de partida para novas reflexões. Averiguar de que maneira os pais têm acolhido as diferentes configurações familiares, questões de gênero e comunicação neste contexto, é importante.

Sabemos que além de reconhecê-las, essas ainda são compreendidas como um desafio para os pais, pois na maioria das vezes, elegia-se a mãe apenas, como artesã dos afetos e da comunicação na família.

Araújo (2022), anunciou em sua pesquisa quanto é importante reificar o quão difícil é romper com as referências normatizadoras instituídas culturalmente, inclusive quando essas definições são cristalizadas e transmitidas pelos dispositivos estatais, religiosos, econômicos, jurídicos e pedagógicos existentes na sociedade.

A capacidade e o manejo da percepção dos filhos em apoiar-se na comunicação que pode recriar discussões marca a relação de mais intimidade e segurança.

De acordo com Watzlawick (1967), na comunicação complementar os parceiros na conversação têm posições complementares, como por exemplo a relação professor e aluno ou vendedor e comprador, médico e paciente.

Se a comunicação é complementar entre pais e filhos, aceitamos a diferença e possibilitamos uma melhor interação.

Se levarmos em conta esse princípio, precisamos então, nas situações comunicativas, prestar atenção no relacionamento em si mesmo, isto é, na maneira de interagir entre as pessoas que se comunicam e não apenas no papel individual de cada uma delas.

*-“eles estão lá, minha mãe tá lá sentada assistindo tv, eu sento, começo a conversar com ela. Converso com meu pai também, as vezes quando ele tá lá fora” ...*

*-“compreensível é saber escutar e tentar entender o que eu tô querendo dizer...”*

Conhecer os significados das comunicações que usamos, é tarefa importante para compreensão de uma comunicação exitosa entre pais e filhos, e isso quer dizer, fazer ajustamento à linguagem das pessoas com quem falamos, respeitando os diferentes contextos. E por que não, adotar uma postura verbal e não verbal, receptiva.

## **5 – Discussão dos resultados**

Neste cenário contemporâneo, a comunicação se coloca para nós como um dos desafios, visto que o diálogo é umas das maiores dificuldades encontradas entre as pessoas, incluindo-se aqui, entre pais e filhos na fase adolescente do ciclo vital da família

Encontrar novas formas de dialogar e criar significados para histórias pessoais, assumem vital importância na clínica psicológica de abordagem sistêmica.

Em um mundo em que tudo se transforma num intervalo de tempo cada vez menor e novas informações surgem a cada instante, torna-se imperativo que as

famílias sejam mais capazes e eficientes em suas habilidades de comunicação para que possam se sentir mais seguras diante deste processo.

Diante desse contexto e a partir dos nossos achados, é preciso ampliar os processos informacionais da relação entre pais e filhos.

Como pudemos perceber no contato com os participantes dessa pesquisa, os pais não compreendem a adolescência como uma etapa do desenvolvimento onde eles possam reajustar-se a novos papéis para uma melhor comunicação. Nossos pais ainda compreendem os comportamentos dos filhos apenas como sendo rebeldia e falta de interesse pela família, culpabilizando e atribuindo as TICs em espacial, os prejuízos na comunicação. É preciso incluir informações sobre os comportamentos dos filhos adolescentes, como necessidade de independência e autonomia, bem como a necessidade do sentido de pertencimento.

Os discursos narrativos dos filhos mostraram que a compreensão de como é dito o que se quer dizer, contribuem para a construção de uma boa comunicação entre pais e filhos. Visto que no cotidiano a tendência dos pais é não saber que o comportamento não-verbal assume grande importância na comunicação. Assim se constitui um fosso entre o que os pais querem dizer e como os filhos vão compreender o que foi dito.

Descarta-se a comunicação não-verbal e não se totaliza a comunicação para que se torne efetiva. Os pais não compreendem todos os sinais comunicacionais dos filhos, como os relacionais e posturais que revelam as suas reais necessidades de afeto e proximidade, e rapidamente acessam a tarefa de dar ordens como que a garantia de os ter orientado ou buscado a comunicação de maneira satisfatória.

Observa-se que os pais assumem a preocupação com as questões referentes ao uso das TICs, mas a maioria não as compreende tais com os filhos para que possam desenvolver ações e práticas adequadas de caráter preventivo ou promotoras de convivência social e ética do uso.

Esta pesquisa revelou também que nas famílias onde a escuta é evidenciada como um fator decisivo para uma comunicação efetiva entre pais e filhos, os filhos legitimam a autoridade parental e a conversação como diretrizes e modalidades de uma relação de proximidade e independência.

Vimos que os pais, inclusive, podem buscar encontrar em suas histórias geracionais caminhos para que a escuta aconteça. Os filhos compreendem que este é um recurso possível para explorar perspectivas existente na criação de contextos

de vida favoráveis, alternativos, mais justos e pertinentes, como sendo um instrumento de diálogo que promove sentido às suas próprias histórias.

Observamos que quando há valorização na reconstrução das responsabilidades relacionais, ou seja, pais e filhos quando expandem a visão das diferenças, passando a entender que um fato não tem uma verdade única, aumenta a presença dos pais na vida os filhos e, conseqüente potencial protetivo das famílias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso para a compreensão da comunicação entre pais e filhos é uma jornada onde novos questionamentos e reflexões dentre os quais destacamos os processos na busca de informações e orientações disponíveis para as famílias, ora como muito técnicas, ora estão em desacordo com a realidade experimentada (com “receitas” mágicas), aumentando o desespero e desamparo das famílias nesta fase do ciclo vital.

São várias as tarefas entre pais e filhos no processo de compreensão da comunicação na contemporaneidade. Ao mesmo tempo em que incontáveis aprendizados podem ser construídos ao longo do caminho.

Nossos achados corroboram com a literatura no sentido de apontar a necessidade de mais estudos sobre a realidade das famílias que vivenciam a experiência de estar atravessando um momento em que é pouco explorado no manejo de instruir com efetividade intervenções e programas voltados para as demandas relativas aos princípios de uma boa comunicação entre pais e filhos na fase adolescente do ciclo vital.

As famílias precisam ser orientadas e informadas a respeito da necessidade de novos conhecimentos sobre si mesmo em uma abordagem que inclua apoio, informação e proteção. Neste sentido, em nossa pesquisa apresentamos uma ferramenta que possa ser utilizada não apenas no âmbito clínico em processos de terapia familiar, mas também no cotidiano das famílias e em espaços de acompanhamento ambulatorial e escolar, grupos de apoio e orientação familiar.

Desejamos que o conhecimento aqui descrito possa desenvolva a necessidade dos pais em caráter informacional das características da fase adolescente não apenas como uma idade de desvinculação pois a necessidade de separação do adolescente é tão forte quanto a exigência de pertencimento. Pais, terapeutas e educadores devem conseguir apreciar esta dualidade e observar os sinais não-verbais do adolescente para que uma boa comunicação aconteça.

Toda via, uma vez que compreender este fenômeno é o primeiro passo que tiraria as famílias de onde estão para onde querem ir, atenta para a importância de reconhecerem também a também as histórias dos filhos, descobrindo juntos a capacidade de fazer trocas constantes e colaborativas, o que reverencia e legitima a

presença dos pais no processo de atender suas necessidades e a dos filhos em desenvolvimento.

Além disso, desejamos que o conhecimento aqui descrito possa trazer amparo e conforto às famílias e profissionais que se debruçam em boas práticas de cuidado, acolhimento e orientação diante do contexto de comunicação entre pais e filhos na fase adolescente do ciclo vital da contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Harlene. A collaborative perspective on teaching and learning: creating generative learning communities. Trad. Luciana Moretti. *Nova Perspectiva Sistêmica*, Rio de Janeiro, n. 41, p. 35-53, dez. 2011.
- ANDOLFI, Maurizio; MASCELLANI, Anna. *Histórias da adolescência – Experiências em Terapia Familiar*. Trad. Aline Pereira Barros e Paola Aroldi Santagada. 1 ed. 2013. Belo Horizonte: Artesã Editora. ISBN-10: 857074031X. ISBN-13: 978-8570740311. 296 p.
- ARIES, Phiiippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de janeiro: Guanabara, 1986.
- AIRES, Maria Elane de Oliveira Dias et al. Desafios familiares na contemporaneidade: a comunicação entre adolescentes e seus pais em uma cidade no interior do Pará. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 2, p. e1312239845-e1312239845, 2023.
- BERTHOUD, C. *Manual de Orientação Familiar Sistêmica*. Editora Casa Cultura, 2011.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Thematic Analysis. In: LYONS, Evanthia; COYLE, Adrian (Ed.). *Analysing qualitative data in psychology*. 3 ed., 2021. p.125-127. London, Thousand Oaks, New Delhi, Singapore: Sage, 2002. p. 75-80. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382010000300008>
- CACCIACARRO, Mariana Filippini. *Educar para crescer: valores para a vida - o papel da família na transmissão de valores na primeira infância*. 2016. 125 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
- CACCIACARRO, Mariana Filippini. Comportamento suicida como fenômeno relacional: o impacto das tentativas de suicídio de adolescentes nas dinâmicas e padrões relacionais familiares, 2023. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2023.
- CASTRO, Teresa Sofia. “Cuidado com quem você fala na internet”: mediação parental pelo olhar de pré-Adolescentes. *Cad. Cedes*, v. 41, n. 113, p. 4-13, 2021.
- CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ. Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição – LACCOS Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, 2013.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413389X2013000206](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2013000206). Acesso em: 29 jun. 2022.

CARTER, B.; GOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001

CASTANHO, Gisela; DIAS, Maria Luiza. *Terapia de família com adolescentes*. São Paulo: Editora Ágora, Nova edição, 2019. 288 p.

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. *Família e ciclo vital: Nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CERVENY, C. M. O. (Orgs). *Família e...* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

COSTA, Simone Pereira Dourado *et al.* Geração, família e juventude na era virtual. *Psicologia em Revista*, v. 24, n. 2, p. 424-441, 2018.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. Introdução: a disciplina e a práticas da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. e cols. *O planejamento da pesquisa qualitativa*. Teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-41.

DIAS, M. O. A comunicação como processo de interação e de integração no sistema familiar – os valores. *Gestão e Desenvolvimento*. Viseu, n. 23, p. 85-105, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.2015.273>. Acesso em: 12 jan. 2023

DIAS, M. O. Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica – o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, Viseu, n. 19, p. 139-156, 2011. ISSN 0872-0215.

DUQUE, Lily Munck. Mãe! Pai! Tenho algo a ensinar. A jornada de encontro dos pais com a verdade de seus filhos. Curitiba: Editora CRV, 2023.

EDUCAÇÃO E PESQUISA. *Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo*, v. 41, nn. especial, 524 p., dez. 2015. ISSN 1517-9702 (impresso) 1678-4634 (on-line).

FEIJÓ, Marianne Ramos; MACEDO, Rosa Maria Stefanini. Família e projetos sociais voltados para jovens: impacto e participação. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 29, n. 2, p.193-202, abril - junho 2012.

FERRARI, Dalka Chaves de Almeida; VECINA, Teresa Cristina Cruz (Comp.). *Livro O fim do silêncio na Violência Familiar*. São Paulo: Editora Ágora, 2002.

FONSECA, Aline Ferreira; CAMPOS, Núbia Betânia Silva Dias. *Uma conversa sobre diversidade familiar*, 2019. Disponível em: <https://www.unifeg.edu.br/revista-catavento/docs/ed-01-2019/UMA-CONVERSA-SOBRE-DIVERSIDADE-FAMILIAR.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2022.

FONSECA H. *Compreender os adolescentes: um desafio para pais e educadores*. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

FONSECA, H. Abordagem sistêmica em saúde dos adolescentes e suas famílias. *Adolescência & Saúde*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 06-11, set. 2004.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). *Métodos de pesquisa*. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIDDENS. *Mundo em Descontrole*. Editora Record, Rio de Janeiro, 2007.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, v. 12, n. 24, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/8zzDgMmCBnBJxNvfk7qKQRF/?lang=pt>. Acesso em: 08 ago. 2022.

KUBLIKOWSKI, Ida. *A identidade narrativa: o sujeito produzido / produtor de si*. *ReserchGate*, p. 1-15, fev. 2018. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/323150274\\_A\\_identidade\\_narrativa\\_o\\_sujeito\\_produzido\\_produto\\_r\\_de\\_si/link/5a82f63b0f7e9bda86a1ce5c/download?\\_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIn19](https://www.researchgate.net/publication/323150274_A_identidade_narrativa_o_sujeito_produzido_produto_r_de_si/link/5a82f63b0f7e9bda86a1ce5c/download?_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIn19). Acesso em: 31 out. 2022.

KUBLIKOWSKI, Ida. Reflections on Analysis in Qualitative Research: The Hermeneutic Circle in Ricoeur. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, v. 33, p. e3319, 2023.

KVALE, S. *InterViews: An Introduction to Qualitative Research Interviewing*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1996.

MACEDO, Rosa Maria Stefanini; MACEDO, Teresinha Elisete Coiahy Rocha (Orgs.). *Con-vivendo com a adolescência nos dias atuais*. Curitiba: Editora CRV, 2021. ISBN: 978-65-251-1853-6. ISBN DIGITAL: 978-65-251-1849-9. DOI: 10.24824/978652511853.6.

MACEDO, R.M.S.; RANGEL, M.F.P. O adolescente contemporâneo: os aspectos da adolescência e de seus relacionamentos. In: MACEDO, R. M. S.; MACEDO, T. E. C. R. (Orgs.). *Con-vivendo com a adolescência nos dias atuais*. Curitiba: Editora CRV, 2021. ISBN: 978-65-251-1853-6. ISBN DIGITAL: 978-65-251-1849-9. DOI: 10.24824/978652511853.6

MACEDO, Rosa Maria Stefanini; KUBLIKOWSKI, Ida (Orgs.). *Família e comunidade: interfaces da psicologia clínica*. Curitiba: Editora CRV, 2022. ISBN: 978-65-251-2831-3. ISBN DIGITAL: 978-65-251-2829-0. DOI: 10.24824/978652512831.3.

MACEDO, Rosa Maria Stefanini; FEIJÓ, Marianne Ramos. Família e projetos Sociais voltados para jovens. *Estud. psicol.* (Campinas), v. 29, n. 2, Jun 2012. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000200005>.

MAIRINK, A. P. A. R.; GRADIM, C. V. C.; PANOBIANCO, M. S. O uso da metodologia qualitativa da Teoria Fundamentada nos Dados na pesquisa em enfermagem. *Esc. Anna. Nery*, v. 25, n. 3, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-1149300>. Acesso em: 28 ago. 2022.

MALDONADO, M. T. *Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir*. São Paulo: Saraiva, 1997.

MARRA, Marlene Magnabosco. *Cuidado vigilante: Intervenção psicossocial com famílias em situação de maus-tratos e violência sexual*. 1 ed. São Paulo: Editora Ágora, nov., 2020. ISBN-10: 8571832757. ISBN-13: 978-8571832756.

MARTIENLLI, Maria Lúcia. O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social e uma nova perspectiva de história: a história social. In: MARTINELLI, Maria Lúcia. *Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras Editora, 1999.

MCGOLDRICK, M.; SHIBUSAWA, T. O ciclo vital familiar. In: Walsh, F. (Ed.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade*. Porto Alegre: Artmed, 2016.

METODOLOGIA CIENTÍFICA. *Pesquisa da Teoria Fundamentada ou Grounded Theory*. Disponível em: <https://www.metodologiacyentifica.org/tipos-depesquisa/pesquisa-teoria-fundamentada-grounded-theory/> . Acesso em: 07 jun. 2022.

MINUCHIN S. *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MOREIRA, L.V.C.; RABINOVICH, E.P.; FORNASIER, R. C. (Orgs.). *Adolescentes e Adolescências – Família, escola e sociedade*. Curitiba: Editora CRV, 2018.

NEUMANN, Débora Martins Consteila; MISSEL, Rafaela Jarros. Família digital: a influência da tecnologia nas relações entre pais e filhos adolescentes. *Pensando famílias*, v. 23, n. 2, p. 75-91, 2019.

NICHOLS, M. P.; SCHWARTZ, R. *Terapia familiar: conceitos e métodos*. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Celulares: a emergência de um novo tipo de controle materno. *Psicol. Soc.*, v. 18, n. 3, p. 88-96; set/dez. 2006 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000300013>. Acesso em: 16 jun. 2022.

OLIVEIRA, Débora *et al.* Impacto das configurações familiares no desenvolvimento de crianças e adolescentes: uma revisão da produção científica. *Interação em Psicologia*, Curitiba, 2008.

OLIVEIRA, Adriana Leonidas (Orient.); SANTOS, Anderson *et al.* *Ciclo vital da família: a comunicação entre pais e filhos na fase adolescente*. III Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento 20 a 22 de outubro de 2014. Universidade de Taubaté.

OLIVEIRA, Jairo; MELO, Cleonice Peixoto. *A intervenção da terapia familiar sistêmica em famílias reconstituídas*, 2014. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/psicologia/intervencao-da-terapia-familiar-sistemica-em-familias-reconstituidas.htm>. Acesso em: 06 jun. 2022.

OSÓRIO, L. C. *Adolescente Hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

OSORIO, L.C.; VALLE, M.E.P. *Manual de Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

OTTO, Ana Flávia Nascimento; RIBEIRO, Maria Alexina. *Fundamentos Epistemológicos da Teoria de Murray Bowen*. *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*, v. 30, n. 70, p. 51-63, fev. 2022.

PARDAL, Maria do Céu da Costa. *Intervenção socioterapêutica numa família à deriva: uma abordagem sistêmica*. IV Congresso Português de Sociologia. Lisboa, 2002.

PATRÃO, Ivone. *Geração Cordão – A geração que não desliga !* 1. ed. São Paulo: Pactor, 2017.

PRADO, D. *O que é família?* São Paulo: Brasiliense, 1981.

PICCINI, Cristian Fátima; COSTA, Cristófer Batista da; CENCI, Cláudia Mara Bosseto. *Relação entre pais e filhos adolescentes quanto ao uso das mídias digitais*. *Contextos Clínicos*, v. 13, n. 3, p. 849-872, 2020.

RIOS-GONZÁLEZ, J. A. *Manual de orientación y terapia familiar*. Madri: Fundación Instituto de Ciencias del Hombre, 1994.

ROSSET, Solange Maria. *Terapia de Família Relacional Sistêmica*. *Revista Brasileira de Terapia Familiar*, v. 1, n. 1, Janeiro/Junho 2008.

ROSSET, Solange Maria. *Como transformar seus reacionamentos*. Belo horizonte: Artesã, 2024.

SANTOS, Mirian Andrade; ALVIM, Márcia Cristina de Souza. *O papel da família na educação para o multiculturalismo*. s/d. Disponível em: <http://www.lo.unisal.br/direito/semidi2014/publicacoes/livro4/Mirian%20Andrade%20Santos%20e%20M%C3%A1rcia%20Cristina%20de%20Souza%20Alvim.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2023.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social Caderno temático para capacitação. *PROGRAMA AÇÃO FAMÍLIA: viver em comunidade*. Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social Caderno temático para capacitação. São Paulo: SMADS, 2008.

STENGEL, M. *et al.* O uso da internet entre adolescentes no Brasil e a relação com os pais: uma análise dos dados de 2016. In: MOREIRA, L.V.C.; RABINOVICH, E.P.; FORNASIER, R. C. (Orgs.). *Adolescentes e Adolescências – Família, escola e sociedade*. Curitiba: Editora CRV, 2018.

WAGNER, Adriana *et al.* A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em Estudo*, v. 7, 2002.

WAGNER, Adriana *et al.* A comunicação familiar: uma experiência com adolescentes em grupos focais. *Psico (Porto Alegre)*, p. 137-150, 2002.

WAGNER, Adriana *et al.* Estratégias de Comunicação Familiar: A perspectiva dos filhos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v. 2, n. 18, p. 277-282, 2005.

WAGNER, A., Carpenedo, C., Melo, L. P. D., & Silveira, P. G. (2005). Estratégias de comunicação familiar: a perspectiva dos filhos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18, 277-282.

WALSH, Froma. *Processos Normativos da Família: Diversidade e Complexidade*. Trad. Clarisse Pereira Mosmann e Adriana Wagner. 4. ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2016. 608 p.

WATZLAWICK, P., BEAVIN, J. H., e JACKSON, D. D. *Pragmática da comunicação humana: Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo, SP: Editora Cultrix. 1967.

WENDT, Guilherme Welter; SILVA, Marli Appel; KOLLER, Sílvia Helena. Tecnologias da informação e comunicação em adolescentes, práticas parentais e percepção de clima escolar: Uma abordagem multinível. **Interação em Psicologia**, v. 24, n. 1, p. 66-75, 2020.

## **APENDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Venho convidar os Senhores e seu filho (a) para participar da pesquisa “A compreensão da comunicação entre pais e filho na fase adolescente do ciclo vital da família” que venho desenvolvendo para o meu mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, sob orientação da Profa. Dra. Ida Kublikowski.

Caberá aos senhores responderem a uma entrevista, cuja duração será em torno de uma hora, cujos resultados poderão contribuir positivamente para que sejam aprofundados os conhecimentos acerca das dinâmicas familiares na fase adolescente do ciclo vital, bem como abrirá novas possibilidades de pais e filhos se comunicarem. A pesquisa apresenta baixo risco, mas se forem observados incômodos, a pesquisadora coloca-se à disposição para atender ou encaminhar os senhores para atendimento.

Importante destacar que sua participação é voluntária e sua autorização pode ser retirada a qualquer momento que julgar necessário, sem qualquer dano à sua pessoa. Informamos, também que não haverá nenhum custo ou ônus em participar dessa pesquisa.

Ao final deste termo constam nossos e-mails de contato para sugestões, dúvidas e demais esclarecimentos em relação à pesquisa e seus posteriores resultados. Cabe ressaltar, ainda, que todos os dados que permitam sua identificação serão removidos e/ou alterados.

Os conteúdos da entrevista serão gravados, transcritos e arquivados por um período de cinco anos, conforme orienta a Resolução 466/12, complementada pela 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. A priori não existe nenhum tipo de risco ao participar dessa pesquisa, uma vez que a sua participação é informativa, mas caso você sinta qualquer tipo de desconforto os pesquisadores se encontram a sua disposição para acolhê-lo. Em caso de qualquer dúvida você poderá conversar com a própria pesquisadora através dos e-mails e telefones disponibilizados abaixo. Não deixe de nos procurar diante de qualquer dúvida ou questão, estaremos à disposição para esclarecê-las.

A sua participação é fundamental para que possamos atingir excelência nessa área do conhecimento e sua história contribuirá para o aperfeiçoamento do tema em questão. Além disso, esta pesquisa abrirá espaço para falarmos

abertamente sobre um tema muito importante e auxiliará no desenvolvimento de estratégias e orientação para outras famílias que enfrentam questões semelhantes.

Dúvidas e denúncias relativas às questões éticas desta pesquisa que envolve seres humanos poderão ser esclarecidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEP/PUC-SP), situado à Rua Ministro Godói 969, sala 63-C, Perdizes – São Paulo/SP, CEP: 05015-001 telefone: (11)3670-8466, de segunda a sexta-feira no horário das 9h às 18h; e-mail: [cometica@pucsp.com.br](mailto:cometica@pucsp.com.br).

Contamos com sua colaboração e agradecemos sua participação.

Atenciosamente,

---

Camila Rizzato de Souza Farias

Pesquisadora

RG 33.423.141-3 Tel.: (17) 99798-4348 [camilarizzato@yahoo.com.br](mailto:camilarizzato@yahoo.com.br)

**DECLARO QUE FUI INFORMADO E ESTOU DE ACORDO COM OS TERMOS DA PESQUISA** - Estratégias adequadas de comunicação na fase adolescente: construção de uma cartilha.

**ACEITO ser participante e AUTORIZO** a participação de meu filho menor de 18 anos ----- e a utilização dos dados obtidos na minha participação na entrevista semiestrutura feita pela pesquisadora Camila Rizzato de Souza Farias mestranda em Psicologia Clínica sob orientação da Profa. Dra. Ida Kublikowski.

Nome do entrevistado: \_\_\_\_\_.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE 2 – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)**

*(No caso do menor entre 12 a 18 anos)*

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “A COMPREENSÃO DA COMUNICAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS NA FASE ADOLESCENTE DO CICLO VITAL DA FAMÍLIA” que venho desenvolvendo para o meu mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, sob orientação da Profa. Dra. Ida Kublikowski. Nesta pesquisa pretendemos compreender as maneiras que se estabelecem a comunicação no contexto familiar atual. Caberá a você responder a uma entrevista, cuja duração será em torno de uma hora, cujos resultados poderão ser úteis para melhorar a comunicação entre os jovens e seus pais.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Esta pesquisa apresenta risco mínimo (ou risco maior que o mínimo, se for o caso), isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler e entre outros. Qualquer incômodo que o pesquisador perceba ou do qual você se queixe será prontamente atendido pelo pesquisador, que tomará todas as medidas necessárias visando o seu bem-estar.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Camila Rizzato de Souza Farias

TELEFONE: (17) 997894348 (incluindo ligação a cobrar)

E-MAIL [camilarizzato@yahoo.com.br](mailto:camilarizzato@yahoo.com.br)

Eu, \_\_\_\_\_, portador (a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_ **(se já tiver documento)**, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e me retirar do estudo a qualquer momento sem qualquer prejuízo, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas *dúvidas*.

Meridiano, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

---

Assinatura do (a) menor

**APÊNDICE 3 - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PAIS**

1 - Vocês se sentem ouvidos pelos seus filhos? Compreendido?

2- Como vocês tem se comunicado?

3 - Você consegue "ouvir" o que a tem a dizer?

4 - Como você acha que a comunicação (ou a falta dela) pode interferir na saúde emocional da sua família?

**APÊNDICE 4 - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA FILHOS**

1 - Vocês se sentem ouvidos pelos seus pais? Compreendido?

2 - Como vocês tem se comunicado?

3 - Você consegue "ouvir" o que a tem a dizer?

4 - Como você acha que a comunicação (ou a falta dela) pode interferir na saúde emocional da sua família?